



SINDILAT/RS

Sindicato da Indústria de Laticínios
do Rio Grande do Sul

CLIPPING SINDILAT

Outubro de 2019



SINDILAT/RS

Sindicato da Indústria de Laticínios
do Rio Grande do Sul

CLIPPING IMPRESSO

Outubro de 2019

Veículo: Jornal do Comércio

Data: 07/10/2019

Página: pg10, Economia

Centimetragem: 103cm

Nova família chinesa favorece o mercado de lácteos do Brasil

Mudança na lei do filho único amplia número de crianças, e fabricantes nacionais focam no setor de leite em pó

/ RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Thiago Copetti
thiago.copetti@jornaldocomercio.com.br

A mudança na legislação chinesa que proibia famílias de ter dois filhos, que foi suspensa em 2015, ampliou o mercado de produtos lácteos no país, especialmente para os importados. A nova configuração da família chinesa, na qual cada dia se torna mais comum um casal e dois filhos, e não apenas um, o consumo de produtos lácteos, como leite em pó, cresce significativamente. E, com a importação de lácteos do Brasil aberta pela China neste ano, a indústria gaúcha também poderá ganhar com isso.

A Viva Lácteos, Associação Brasileira de Laticínios, estima que, após os processos de habilitação, o Brasil poderá exportar US\$ 4,5 milhões em produtos lácteos para a China. E, de acordo com Darlan Palharini, secretário-executivo do Sindicato da Indústria de Laticínios e Produtos Derivados do Rio Grande do Sul (Sindilat), apenas em leite em pó, o gigante asiático costuma importar, anualmente, 800 mil toneladas, o que equivale a 132% de toda a produção brasileira (600 mil toneladas).

Essa nova configuração da família chinesa tem como bom exemplo a médica Jiang Fang. Logo que a lei foi alterada, e como seu

único filho já havia verbalizado que queria um irmão, a médica e o marido decidiram ter um segundo filho, ainda em 2016. Fang conta que ela própria sempre quis ter uma irmã e, por isso, decidiu ter mais um bebê e satisfazer o desejo do filho. "Eu via a relação da minha mãe com sua irmã e achava bonito. Sentia falta de alguém para compartilhar as coisas, conversar, dividir problemas", recorda a médica.

Sem o final da lei, caso tivesse dois filhos, Jiang terá de arcar com uma pesada multa e, com o trabalho para o governo, perderia o emprego. Além disso, conta a médica, ter um filho na China exige bastante recurso com itens como educação. A moradia também consome um boa parcela do salário, especialmente em Pequim. O valor de um apartamento de apenas 100 metros quadrados na capital chinesa, em área mais central, pode custar até 10 milhões de renminbis, o equivalente a US\$ 1,4 milhão. "Com dois filhos deixamos de viver na mesma casa de meus pais e precisamos de uma residência própria. Isso também sempre pesou na decisão, até 2015, de que um filho era suficiente", explica Jiang.

Zhan Wanli, que trabalha na área de seguros, também decidiu ter um segundo filho após 2015. Na família sempre houve um consenso familiar de que ter dois filhos era melhor do que um, já que a convivência de dois



Sem ter irmãos para dividir na infância, a médica Jiang Fang conseguiu optar por dois filhos

O começo e o fim da lei do filho único

A China tem uma população gigantesca, de 1,3 bilhão de pessoas, atualmente, e, no início do século passado, isso foi motivo de preocupação com a segurança alimentar, por exemplo. Com a adoção da lei do filho único, nos anos 1970, foi criada para reduzir o crescimento populacional. Ter dois filhos passou a ser permitido apenas para etnias minoritárias (na China existem mais de 50 etnias) e agricultores, que dependiam de mão de obra jovem para o trabalho. Fora desses grupos, quem tivesse o filho único sofria diferentes punições e restrições e severas multas. Com a redução populacional, porém, o governo passou a ver problemas para o futuro, tanto com mão de obra quanto para sustentar, com seu trabalho, o sistema de previdência social. Por isso a lei do filho único foi suspensa em 2015, de olho no futuro.

filhos ajuda as crianças estabelecerem a noção de se ajudar e se cooperar. "Em algum sentido, também dá a noção de competição para os dois e acreditamos que isso tem que ser acostumado desde criança para serem mais preparados para entrar na sociedade", pondera Wanli. Assim como Jiang, Wanli diz

que criar um filho aqui na China, especialmente nas cidades grandes como Beijing, é excessivamente caro. Isso porque é comum nas famílias fazer pesados investimentos em educação. Em total, custam 65 mil renminbis (cerca de R\$ 43 mil) cada filho por ano, ocupando mais de 25% do salário.



Governo chinês vem valorizando novos fornecedores internacionais de alimentos

ARQUIVO PESSOAL/DIVULGAÇÃO/JC

MARKO QUINTANIL/JC

Veículo: Jornal do Comércio

Data: 16/10/2019

Página: pg13, Economia

Centimetragem: 62cm

Audiência discute gargalos da produção de leite no Estado

Audiência pública conjunta das Comissões de Segurança e Agricultura da Assembleia Legislativa reuniu grande número de lideranças e entidades representativas da cadeia láctea gaúcha para debater sobre as Instruções Normativas 76 e 77 e as política de preço do leite no Rio Grande do Sul. A reunião foi presidida pelo deputado estadual Edegar Pretto (PT-RS) e parlamentares de diferentes bancadas.

O presidente do Sindicato da Indústria de Laticínios do RS (Sindilat), Alexandre Guerra, e o secretário-executivo do Sindilat, Darlan Palharini, acompanharam a audiência pública que contou com representantes e produtores de 56 municípios gaúchos. Segundo Guerra, uma das pautas mais combativas para a cadeia láctea é a guerra fiscal entre os estados, que retira competitividade do setor no Rio Grande do Sul. "Vemos o leite UHT produzido aqui no RS chegar a outros estados e ter uma sobretaxa de 8% a 9% só por não ser produzido na região compradora", afirmou o dirigente.

Guerra ainda defendeu a união de todos os elos da cadeia produtiva para fazer frente ao cenário que está posto e avançar em temas que considera cruciais, como o maior investimento em infraestrutura de logística e maior disponibilidade de crédito para os produtores. "Não existe indústria sem produtor e produtor sem indústria", disse. Guerra lembrou que as Instruções Normativas 76 e 77 do Ministério da Agricultura não

vieram com o objetivo de excluir ninguém da atividade, pelo contrário. "Estamos focados em um trabalho de melhoria contínua da qualidade do nosso leite e incentivando a permanência de muitos na atividade", afirmou. Prova disso foi o trabalho realizado, no primeiro semestre deste ano, pelo Sindilat, juntamente com o Mapa, SEAPDR, Fetag, Farsul, Emater, Apil e Famurs, com apoio de universidades e prefeituras. Foram nove encontros entre os meses de maio e julho com participação total de mais de 36 mil pessoas via comparecimento ou acompanhando pelas redes sociais.

O chefe da divisão de Defesa Agropecuária do Mapa/RS, Leonardo Isolan, reforçou que as INs 76/77 não trouxeram novidades em termos de limites para adequação, mas que, apenas agora, vão enquadrar os produtores que não conseguem produzir dentro do que já estava previsto desde 2014. "As INs vinham sendo estudadas há muito tempo, foram colocadas em consulta pública por 60 dias e receberam muitas sugestões", reforçou. Segundo ele, desde a vigência das normas, em 30 de maio deste ano, o Mapa permanece a campo prestando orientações e ajudando produtores no que for necessário. "Ao contrário do que muitos pensam, as INs não tratam de exclusão e sim, de inclusão do produtor na atividade, pois, por meio de médias geométricas, ele consegue se adequar aos padrões exigidos pelas INs", destacou Isolan.

LETÍCIA B. REIDA / DIVULGAÇÃO / JC



Diversas entidades participaram do debate na Assembleia

Veículo: Zero Hora
Data: 16/10/2019
Página: pg14, Rural
Centimetragem: 60cm

Por que vacas foram parar no Piratini



Não foram só servidores públicos que rumaram para o Palácio Piratini, na Capital, no dia de ontem. Duas vacas, das raças holandesa e jersey, acompanham mobilização de produtores de leite. Em cartazes, eles pediam a revogação de duas instruções normativas, a IN 76 e a IN 77, que tratam de padrões de qualidade do leite. A manifestação teve início na superintendência regional do Ministério da Agricultura. Depois de chegar ao Piratini, o grupo participou de audiência pública realizada no Teatro Dante Barone, da Assembleia.

Em seguida, representantes de entidades e parlamentares estiveram reunidos com o secretário da Casa Civil, Otomar Vivian, para quem reforçaram pedido de suspensão das normas e de interlocução com o governo federal. O argumento é de que

as regras estão excluindo os pequenos produtores.

– A Agricultura fala que é só melhorar a higiene, mas isso é uma parte. Tem a questão da temperatura ideal para chegar na indústria. Há grande deficiência na energia elétrica no Interior e falta de estrutura nas estradas – afirma Carlos Joel da Silva, presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado (Fetag-RS).

Ele acrescenta que 12% dos cerca de 65 mil produtores de leite não teriam condições de atender às exigências.

– Nosso problema principal é a distância do produtor até o entreposto. Tem rotas que somam 250 quilômetros.

GAÚCHAZH

Conheça detalhes das normativas em gzh.rs/vacasnopiratini

É impossível chegar a 7°C na indústria. As empresas vão pegar de quem é possível – reforça Adelar Pretto, presidente da Cooperativa Central dos Assentamentos de Reforma Agrária (Coceargs).

Alexandre Guerra, presidente do Sindicato das Indústrias de Laticínios do RS, ponderou que as regras não vieram com o objetivo de excluir ninguém.

O Ministério da Agricultura lembra que as instruções não trouxeram novidades nos limites exigidos, previstos desde 2014. Foram submetidas a consultas públicas para o recebimento de sugestões. Publicadas no ano passado, entraram em vigor em 30 de maio deste ano.

– O objetivo é beneficiar o consumidor, ofertar um melhor produto para ele – reforça a auditora fiscal federal agropecuária Milene Cé.

Veículo: Correio do Povo

Data: 16/10/2019

Página: pg11, Rural

Centimetragem: 81cm

Produtores querem novo prazo para cumprir INs

Depois de manifestações e audiência pública, representantes de entidades pediram apoio do Estado para ganhar mais 36 meses do governo federal

Representantes de produtores de leite de 56 municípios e deputados entregaram ontem ao chefe da Casa Civil do Governo do Rio Grande do Sul, Otomar Vivian, documento pedindo a participação do governador Eduardo Leite como interlocutor junto ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) para obter a suspensão, por 36 meses, dos efeitos das Instruções Normativas 76 e 77, que instituíram mudanças nos parâmetros de qualidade do leite. O documento foi resultado da audiência pública ocorrida durante a manhã no

Teatro Dante Barone, da Assembleia Legislativa, na qual foram ressaltadas por entidades ligadas à cadeia leiteira gaúcha as dificuldades de adequação às normativas. Segundo participantes da reunião, Vivian ficou de levar o assunto ao governador.

As INs, em vigor desde maio deste ano, mas ainda sem efeito punitivo, determinam que o leite seja mantido na propriedade com a temperatura de 4 graus, que chegue às indústrias com 7



Criadores percorreram ruas centrais da Capital, da sede local do Mapa ao Piratini

graus e com Contagem Bacteriana Total (CBT) de no máximo 900 mil UFC/ml.

O presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura (Fetag), Carlos Joel da Silva, argumentou que o produtor, além de tempo para se adequar, precisa que os governos façam sua parte oferecendo infraestrutura, como energia elétrica de boa qualidade e estradas para o escoamento da produção. "Qualidade do leite é fundamental, mas é preciso condições mínimas para poder cumprir as normativas", ressaltou.

Dados apresentados pelo Instituto Gaúcho do Leite (IGL) indicam que em razão de crises sucessivas, cerca de 10 mil produtores vem deixando a atividade a cada ano no Estado.

Representante da Cooperativa dos Assentados de Santana do Livramento (Cooperforte), a produtora de leite Rosi Lima disse que as INs colocam na mão do produtor questões que ele não está ap-

to a resolver. "Na nossa região temos rotas para o recolhimento de leite que chegam a ter 400 quilômetros, ida e volta. Os caminhões que transportam o leite apenas conservam a temperatura, não há como chegar à indústria com 7 graus passando o dia inteiro na estrada", informou.

Leonardo Isolan, chefe da Divisão de Defesa Agropecuária da Superintendência Regional do Mapa, lembrou que as normativas devem ser encaradas como um avanço e que foram construídas com o conhecimento do setor. "Antes de serem aprovadas, foram colocadas em consulta pública que recebeu mais de 400 sugestões do setor", comentou.

O presidente do Sindicato da Indústria de Laticínios do Rio Grande do Sul (Sindilat), Alexandre Guerra, também ressaltou o salto qualitativo trazido pelas instruções. "Somos solidários ao produtor e estamos trabalhando para manter a maioria deles na atividade", pontuou.

VACAS NO PROTESTO

■ No início da manhã de ontem, antes da Audiência Pública, os produtores de leite ligados a entidades como a Fetag, Fetraf Sul e assentados da Reforma Agrária fizeram uma caminhada pelo Centro Histórico de Porto Alegre, da Superintendência Regional do Mapa, na Avenida Loureiro da Silva, ao Palácio Piratini. O grupo conduziu vacas leiteiras com o intuito de chamar a atenção do governador Eduardo Leite para a crise do setor.

Os produtores reclamam que o preço pago pelo litro do produto no Estado, de cerca de R\$ 1,20 no início de outubro, não cobre os custos e limita a capacidade de investimento para adequação às normas impostas pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

ALEGRETE

77ª EXPOSIÇÃO AGROPECUÁRIA

HOJE - 16/10
16h - REMATE EST. SÁ BRITO
EM OFERTA:

FAZENDA



Santa Clara

Rubem S. Vasconcelos

Veículo: Zero Hora

Data: 19/10/2019

Página: pg3, Caderno Campo e Lavoura

Centimetragem: 29cm

FIQUE POR DENTRO

Produtores de leite no Piratini

Mobilização de produtores de leite levou na terça-feira (15) para a frente do Palácio Piratini, na Capital, duas vacas das raças holandesa e jersey. Eles pediam a revogação de duas instruções normativas, a IN 76 e a IN 77, que tratam de padrões de qualidade do leite. A manifestação teve início na superintendência regional do Ministério da Agricultura. O grupo participou ainda de audiência pública realizada no Teatro Dante Barone, da Assembleia.

Em seguida, representantes de entidades e parlamentares se reuniram com o secretário da Casa Civil, Otomar Vivian, para quem reforçaram pedido de suspensão das normas e de interlocução com o

governo federal. O argumento é de que as regras estão excluindo os pequenos produtores.

Carlos Joel da Silva, presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado (Fetag-RS), estima que 12% dos cerca de 65 mil produtores de leite não teriam condições de atender às exigências. Já Alexandre Guerra, presidente do Sindicato das Indústrias de Laticínios do RS, ponderou que as regras não vieram com o objetivo de excluir ninguém. O Ministério da Agricultura lembra que as instruções não trouxeram novidades nos limites exigidos, previstos desde 2014. Foram submetidas a consultas públicas para o recebimento de sugestões.



O valor bruto da produção deve ficar em R\$ 609,7 bilhões em 2019, leve queda de

0,2%

na comparação com o ano passado, segundo a CNA.



A peste suína africana reduziu a importação de soja da China em setembro, que caiu

13,5%

na comparação a agosto, segundo dados de alfândega.



Veículo: Jornal do Comércio

Data: 23/10/2019

Página: pg16, Economia

Centimetragem: 66cm

Valor de referência do leite registra queda de 3,47% no Rio Grande do Sul

Preço para o mês de outubro é de R\$ 1,0609; recuo na captação deve estabilizar mercado

/ AGRONEGÓCIOS

O valor de referência do leite no Rio Grande do Sul estimado para o mês de outubro é de R\$ 1,0609, 3,47% abaixo do consolidado de setembro (R\$ 1,0991). Segundo dados divulgados nesta terça-feira pelo Conseleite, a tendência reflete o período de safra, mas está mais amena em 2019 em relação a anos anteriores. A redução pontual da pesquisa de outubro foi puxada pela diminuição do leite UHT, carro-chefe do mix do Estado, mas teve compensação parcial com a alta do leite em pó.

A tendência de mercado é de estabilidade, uma vez que o volume de captação começa a reduzir com a diminuição da produção no campo nas próximas semanas. "Em 2019, o UHT apresentou estabilidade. Diferentemente de outros anos quando se registrou variações bruscas no preço, a curva do ano indica quedas e elevações suaves no preço



Ajustes na metodologia das INS 76/77 foram considerados necessários

do UHT", disse o professor da UPF e responsável pelo estudo Eduardo Finamore. A reunião do Conseleite foi realizada na sede da Farsul, em Porto Alegre.

Segundo o presidente do Conseleite e do Sindilat/RS, Alexandre Guerra, os números refletem uma mudança nos hábitos

de consumo do brasileiro em um ano de crise e falta de recursos na economia. "As famílias estão buscando preço porque a crise impactou em cheio o poder de consumo". Além disso, justificou ele, o que se viu em 2019 foi um aumento das vendas no atacado em detrimento do varejo, princi-

palmente entre as classes A e B, que também estão buscando adquirir leite e outros alimentos básicos a preços mais competitivos. "Isso impacta o comércio e traz reflexo direto no setor industrial e no produtor porque estamos em um mesmo mercado. Os movimentos do consumidor interferem em todos os elos".

Durante a reunião, as entidades que integram o Conseleite ainda debateram o impacto das Instruções Normativas 76 e 77 no campo, principalmente com os resultados de médias geométricas de CBT, que já limitam a captação do leite de alguns produtores gaúchos. O colegiado entende que é preciso realizar alguns ajustes de metodologia que estimulem os produtores a seguir melhorando. "Em alguns casos, não valoriza o esforço que vem sendo feito no campo", pontuou o gerente técnico adjunto da Emater/RS-Ascar, Jaime Ries, que apresentou casos concretos de distorções que vêm ocorrendo.

Veículo: Correio do Povo

Data: 23/10/2019

Página: pg8, Rural

Centimragem: 31cm

Conseleite pedirá alternativa às INs

O Conselho Paritário Produtores/Indústrias de Leite (Conseleite/RS) pedirá ao Ministério da Agricultura que ofereça uma alternativa aos produtores que não se enquadraram aos padrões exigidos nas Instruções Normativas 76 e 77, mas que demonstraram evolução no cuidado com a qualidade do produto. A medida foi discutida ontem, na sede da Farsul.

As INs estão em vigor desde maio, mas ainda sem efeito punitivo. A partir de 1º de novembro, estabelecimentos que não se enquadrarem na média geométrica dos últimos três meses devem interromper a coleta. “Gostaríamos que se considerasse o último mês como o fator comprobatório da recuperação da qualidade do leite”, destaca o presidente do Conseleite/RS e do Sindilat, Alexandre Guerra. O leite cru fornecido pelas propriedades deve apresentar Contagem Padrão em Placas de no máximo 300 mil unidades formadoras de colônia por mililitro (UFC/ml).

Segundo o vice-presidente do Conseleite/RS e secretário-geral da Fetag, Pedrinho Signori, muitos produtores estão se esforçan-

do para se adequar às INs, melhorando a qualidade nas últimas amostras e, por isso, merecem ser reconhecidos. “Pediremos que o ministério tenha sensibilidade para que o corte não ocorra agora”, revela, observando que muitas propriedades sofrem com a falta de infraestrutura adequada, como, por exemplo, o fornecimento irregular de energia elétrica.

PREÇO. Na mesma reunião foi estimada uma queda de 3,47% no valor de referência do litro de leite para o mês de outubro, calculado em R\$ 1,0609, na comparação com o consolidado de setembro, de 1,0991.

A queda no valor de referência é atribuída principalmente à redução no consumo do leite UHT. De acordo com Guerra, a indústria trabalha com “margem zero” e não tem como sustentar preços mais baixos ao consumidor que os atuais. Signori, por sua vez, ressalta que, ao mesmo tempo, houve aumento de cerca de 10% nos custos de produção, impulsionado principalmente pelos grãos utilizados na ração animal, em razão da entressafra de pastagens.

Veículo: Zero Hora
Data: 23/10/2019
Página: pg15, Rural
Centimetragem: 5cm

**O PREÇO DO LITRO DE LEITE AO PRODUTOR PROJETADO PELO
CONSELEITE É DE R\$ 1,0609. A QUANTIA É 3,47% MENOR
DO QUE A CONSOLIDADA EM SETEMBRO. A QUEDA FOI
INFLUENCIADA PELA REDUÇÃO DO VALOR DO LEITE UHT E
COMPENSADA, EM PARTE, PELA ALTA DO PRODUTO EM PÓ.
TENDÊNCIA PARA AS PRÓXIMAS SEMANAS É DE ESTABILIDADE.**

Veículo: Campo & Lavoura

Data: 27 e 28/10/2018

Página: pg1, 4 e 5

Centimetragem: 525cm

CAMPO & LAVOURA

ZERO HORA
SABADO E DOMINGO,
27 E 28 DE OUTUBRO DE 2018
R\$ 1.800



Robôs *leiteiros*

Ordenha automatizada, controle de ração, monitoramento da sanidade dos animais e melhora genética são alguns dos benefícios do uso da tecnologia.

LATICÍNIOS



COM A FORÇA dos

Robotização na produção de leite reduz dependência de mão de obra na ordenha e melhora condições de trabalho nas propriedades

FERNANDO SOARES
fernando.soares@pioneiro.com

Geralmente associado à ordenha, o uso de robôs nas propriedades de leite fornece um arsenal de informações que ajuda o produtor a gerenciar a propriedade. Os dados servem, por exemplo, para o aprimoramento genético. Como o sistema gera relatórios em tempo real e armazena o histórico de produção, é possível identificar quais são os animais com melhores resultados e até qual é o momento mais adequado para a reprodução.

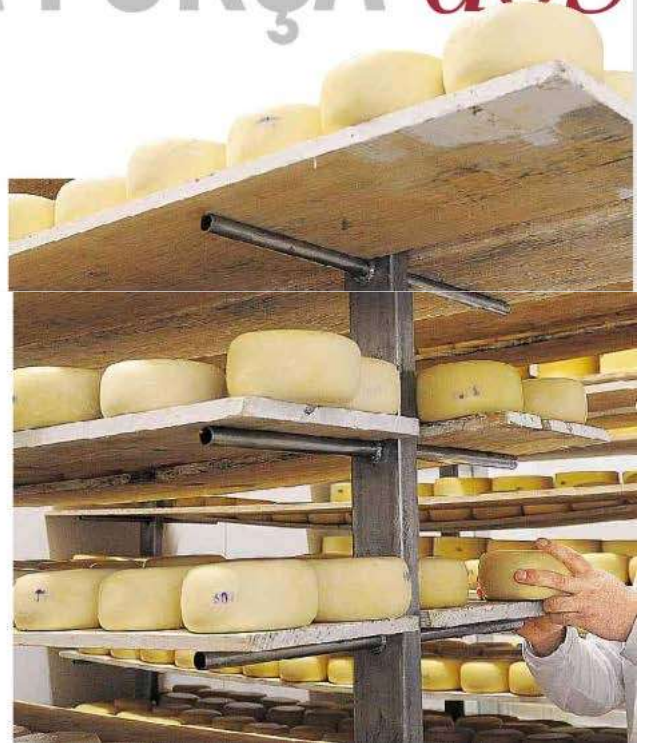
A tecnologia permite ainda detectar problemas de saúde e controlar melhor a alimentação. Isso porque a ração é fornecida pelo próprio robô, que libera alimento no momento da ordenha e de acordo com o rendimento da vaca, estimulando a produtividade.

Esses ganhos podem abrir oportunidades para a indústria, com maior qualidade dos produtos. O resultado, porém, deve ser sentido a longo prazo pelo consumidor, segundo Darlan Palharini, secretário-executivo do Sindicato da

Indústria de Laticínios e Produtos Derivados do Estado (Sindilat-RS): - No Rio Grande do Sul, há espaço para o melhoramento genético. E, trazendo o robô para as propriedades, é possível aumentar o índice de sólidos no leite, o que gera uma conversão industrial maior em alguns produtos, como queijos.

ANIMAIS MAIS SAUDÁVEIS E PRODUTIVIDADE MAIOR

Matéria-prima dos queijos finos, o leite produzido por meio da ordenha robotizada na Granja Cichelero já resultou em ganhos nos sólidos, com incremento de gordura e proteína. Os R\$ 1,4 milhão investidos na aquisição de dois robôs de ordenha e em melhorias estruturais também diminuíram a necessidade de mão de obra na empresa de Carlos Barbosa, na Serra. - Conseguimos aumentar em 5% a produtividade do rebanho, mas o principal incremento é na qualidade do leite. Reduzimos em 60% a contagem de células somáticas desde que implantamos robôs (*quanto menos células, mais saudável está o animal*) - afirma o produtor Daniel Cichelero.



A MAIOR PARTE DOS REBANHOS que utilizam ordenha robotizada é da raça holandesa. Porém, as máquinas se adaptam a animais de menor porte, como Jersey.

COMO FUNCIONA A ORDENHA ROBOTIZADA

- 1 Em um pavilhão, é instalada a máquina de ordenha. **As vacas têm livre circulação e realizam quantas ordenhas quiserem, em média três vezes ao dia.**
- 2 É instalado chip em cada animal, que identifica a atividade da vaca, o volume de produção e a incidência de problemas de saúde, como mastite, por exemplo.
- 3 O produtor pode acessar os dados pelo computador ou dispositivo móvel. Assim, pode regular a quantidade de ração para cada vaca, por exemplo.
- 4 Quando a vaca se acomoda na sala de ordenha, o braço robótico faz a higienização do úbere. Depois, o robô encaixa as teteiras e realiza a ordenha. O leite vai direto para o tanque de resfriamento. Se for detectado problema, é descartado em outro recipiente.
- 5 Durante a ordenha, a vaca recebe uma porção de ração, o que estimula os animais a se dirigirem até a máquina. No entanto, se um animal já chegou ao seu limite de ordenha, o equipamento não libera comida e, assim, a vaca se retira. A ordenha não leva mais de 10 minutos para ser finalizada. Após terminar o trabalho, o robô higieniza o espaço para a próxima vaca.

Escala de produção das cooperati

As cooperativas devem ter papel importante na disseminação dos robôs de ordenha. Isso porque o investimento é alto e necessita de escala de produção para gerar retorno. O valor para adotar a tecnologia pode passar de R\$ 1 milhão, incluindo reforma e custo do robô, que sozinho, fica a partir de R\$ 600 mil.

Nos últimos anos, a Dália Alimentos investiu na estruturação de quatro granjas equipadas com três máquinas cada. Os chamados condomínios leiteiros estão em Arroio do Meio, Candelária, Nova Bréscia e Roca Sales e envolvem mais de 50 famílias associadas.

- Cada condomínio tem em torno de 210 vacas, atingindo produção de 6,3 mil litros por dia - destaca Igor Weingartner, gerente da divisão de produção agropecuária da Dália.

Já a Santa Clara, de Carlos Barbosa, foi a primeira cooperativa a ter um produtor com ordenha ro-

botizada. Ezequiel Nólio segue como único que produz com a ajuda de robôs, mas outros associados pretendem adotar a tecnologia.

- É um caminho sem volta porque melhora a vida do produtor e ajuda a manter a atividade nas propriedades - afirma Maurício Bonafé, gerente do departamento de política leiteira da Santa Clara.

PROCESSO MAIS EFICIENTE SEM INTERFERÊNCIA HUMANA

Cheias de leite no úbere, as vacas se aproximam sozinhas da sala de ordenha. Assim que um animal se acomoda dentro da estrutura, um braço robótico começa a atuar. Em questão de segundos, a máquina encaixa as teteiras, por onde passará o leite com destino ao tanque resfriador. Todo o processo ocorre sem interferência humana. Há três anos, essa cena ocorre durante 24 horas por dia no Tambo Nô-

robôs

Daniel Cichero destaca como vantagem o aumento de gordura e proteína no leite



NO ESTADO, há robôs em propriedades de Arroio do Meio, Barão de Cotegipe, Candelária, Carlos Barbosa, Erechim, Guaporé, Muitos Capões, Nova Bassano, Nova Bréscia, Parai, Pontão Roca Sales, Vacaria e Vespasiano Corrêa.

Cenário econômico impede maior expansão

Plantel de gado leiteiro com maior produtividade do país, o Rio Grande do Sul também é líder na robotização da ordenha. Em solo gaúcho, a tecnologia começou a ser utilizada em 2015 e hoje está presente em 16 propriedades. Essa expansão poderia ter sido mais rápida, não fosse a crise enfrentada pelo setor leiteiro, sobretudo no ano passado, com a queda da remuneração dos profissionais da atividade.

Mais recentemente, outro fator se tornou obstáculo para o avanço do sistema: a desvalorização do real frente ao dólar e ao euro. Atualmente, três fabricantes atuam no país e importam os equipamentos de Alemanha, Holanda e Suécia. E, por isso, o preço no mercado nacional acaba acompanhando a oscilação do câmbio.

– A crise no setor e a alta do dólar impactaram um pouco a procura pelos robôs, mas vemos tendência de aumento da robotização – aposta Valdair Kliks, representante comercial da holandesa Lely no Brasil.

Como o investimento é significativo, empresas começam a oferecer aluguel do equipamento. É o caso da sueca DeLaval, que já tem boa parte da demanda vinda desta modalidade.

– O custo do aluguel sai em torno de R\$ 5,5 mil mensais, e a procura está muito forte. Devemos instalar 33 robôs até o final do ano, a maioria por aluguel –

menção Márcio Gato, gerente comercial da DeLaval no Rio Grande do Sul.

Custos à parte, a adoção dos equipamentos de ordenha passa pela melhora na qualidade de vida do produtor, que não precisa mais madrugar para tirar leite, e pela redução da necessidade de funcionários.

– O robô permite a flexibilização de horários. No modelo tradicional, o produtor fica preso sete dias da semana – compara Pedro Hepp, representante comercial da alemã GEA.

SISTEMA AJUDA NO BEM-ESTAR ANIMAL

Com o robô, os animais são ordenhados três vezes ou mais ao dia. Segundo criadores que já adotaram o sistema, a ordenha realizada em diferentes períodos melhora o bem-estar dos animais e diminui problemas de saúde, como a mastite (inflamação das glândulas mamárias).

No Rio Grande do Sul, o sistema está presente em 14 municípios, sendo sete na Serra. Apesar do avanço do modelo, a tec-

Por muito tempo deverá ser uma tecnologia restrita ao produtor de vacas de alta produtividade, que capta a partir de 2 mil litros de leite ao dia. Por isso, ter robôs não é para a maioria.

JAIME RIES
ASSISTENTE TÉCNICO DA EMATER

– O Estado conta com cerca de 65 mil produtores de leite, mas no máximo mil teriam potencial para automatizar a ordenha, reforça o presidente da Associação Gaúcha de Laticinistas e Laticínios (AGL), Ernesto Krug. Mesmo assim, ele explica que a adoção do sistema é tendência mundial por ser mais eficiente do que a mão de obra humana e gerar ganhos de rendimento.

– Com o robô, a vaca vai à sala no horário que prefere, o que aumenta o conforto do animal e gera incremento médio de 10% na produtividade – avalia.

O dirigente destaca que a robotização é vantajosa para propriedades com mais de 60 animais e que adotam o sistema de confinamento. Mas ressalta a necessidade de análise individual para saber se o investimento efetivamente compensa.

vacas ajuda a disseminar tecnologia

lio, em Parai. Aos poucos, a situação começa a se tornar comum também em outras localidades do Rio Grande do Sul.

A família Nólío foi pioneira na robotização da ordenha no Estado. Em 2015, o produtor Ezequiel Nólío e seus pais investiram mais de R\$ 900 mil na aquisição de um robô e em melhorias estruturais para a adaptação ao sistema. Foi instalado um software, que gera relatórios em tempo real sobre a produtividade e a saúde dos animais. A opção pela tecnologia mudou radicalmente a rotina na produção.

– A prioridade não é mais fazer a ordenha, mas sim tomar decisões em cima dos dados gerados pela própria máquina. Hoje, dá para gerir melhor a propriedade e decidir, por exemplo, qual vaca fica e qual é descartada – relata Ezequiel Nólío, responsável por gerenciar o tambó.

O produtor salienta que o úni-

co arrependimento foi não ter adotado a tecnologia há mais tempo. Ele aponta como maior vantagem a melhora na qualidade de vida. Hoje, não precisa acordar às 5h para ordenhar as vacas, que agora “escolhem” o horário que desejam fornecer leite. O produtor trabalha pela manhã e tem as tardes livres. Além disso, não é mais necessária mão de obra na ordenha, que antes ocupava três funcionários.

No local, as mais de 60 vacas do rebanho geram em torno de 2,3 mil litros de leite por dia, que são entregues à cooperativa Santa Clara. Antes do robô, era produzida a mesma quantidade da bebida, mas a partir de 80 animais.

A adoção do sistema fez o Tambó Nólío virar atração turística em Parai. Por mês, em torno de 500 pessoas, entre estudantes, pecuaristas e profissionais de diferentes áreas, vão conhecer de perto como opera o robô na ordenha.



Ezequiel Nólío e sua família, do Tambó Nólío, de Parai, foram os primeiros no Estado a usar robôs na produção



SINDILAT/RS

Sindicato da Indústria de Laticínios
do Rio Grande do Sul

CLIPPING ONLINE

Outubro de 2019

Veículo: Portal do Agronegócio

Data: 01/10/2019

Página: Notícia

Link: <https://www.portaldoagronegocio.com.br/noticia/conseleite-indica-estabilidade-do-leite-no-rs-188472>

Conseleite indica estabilidade do leite no RS

No mês, apesar da alta de 2,19% do leite UHT, a tendência de redução de preços foi puxada pelo leite em pó (-2,72%) e pelo queijo mussarela (-2,99%)



O valor de referência projetado para o leite no mês de setembro no Rio Grande do Sul é de R\$ 1,0884, 1,57% abaixo do consolidado de agosto, que fechou em R\$ 1,1058. Os dados do cenário lácteo no Estado foram debatidos na reunião mensal do Conseleite realizada nesta terça-feira (24/09) na sede do Sindilat, em Porto Alegre (RS). Segundo o presidente do Conseleite, Alexandre Guerra, apesar da leve queda em relação ao valor consolidado do mês anterior, a projeção para setembro é praticamente a mesma que foi estimada para agosto (R\$ 1,0870), o que indica estabilidade do mercado. "Vivemos um momento delicado em que quem não for eficiente acabará saindo do processo, tanto no campo quanto na indústria. O mercado é soberano e estamos sempre suscetíveis aos movimentos do varejo", pontuou. E lembrou que as peculiaridades e sazonalidades da produção láctea geram picos de

produção - quando o setor industrial opera com capacidade plena -, mas, por outro lado, impõem meses de ociosidade que elevam muito os custos. "Precisamos tirar essa diferença. Só vamos conquistar o mercado externo se conseguirmos manter uma produção estável".

No mês, apesar da alta de 2,19% do leite UHT, a tendência de redução de preços foi puxada pelo leite em pó (-2,72%) e pelo queijo mussarela (-2,99%). Ao apresentar os dados do levantamento realizado pela UPF, o secretário-executivo do Sindilat, Darlan Palharini, indicou que vários produtos do mix iniciaram o ano com valores mais elevados, mas não mantiveram a cotação ao longo do ano, entre eles alguns queijos.

Durante a reunião, também foi alinhado que a Emater passará a realizar estudo de custos de produção para acrescentar esse indexador aos dados avaliados pelo setor produtivo na reunião do Conseleite. Para isso, a entidade de assistência técnica será incluída no colegiado como convidada especial. O vice-presidente do Conseleite, Pedrinho Signori, reforçou a importância de agregar esse levantamento às análises mensais uma vez que os custos impactam diretamente na rentabilidade da atividade. "É um dado essencial a ser apreciado para que possamos avaliar todas as nuances da atividade láctea", disse.

Veículo: Jornal Dia a Dia

Data: 02/10/2019

Página: Notícia

Link: <http://jornaldiadia.com.br/2019/2019/10/02/estao-abertas-as-inscricoes-para-o-5o-premio-de-jornalismo-do-sindilat-rs/>

Estão abertas as inscrições para o 5º Prêmio de Jornalismo do Sindilat RS

2 de outubro de 2019 Por DANIEL

Como objetivo de valorizar o trabalho da imprensa que cobre o setor lácteo gaúcho, o Sindicato da Indústria de Laticínios do Rio Grande do Sul (Sindilat) promove o 5º Prêmio de Jornalismo. As inscrições vão até 25/10 e podem ser realizadas através do e-mail imprensasindilat@gmail.com (confira o regulamento).

Os trabalhos inscritos devem abordar os aspectos relacionados ao setor lácteo, seu desenvolvimento tecnológico, avanços produtivos e desafios. Serão recebidos trabalhos publicados em língua portuguesa em veículos com sede no Brasil, entre 28/10/2018 a 25/10/2019. Podem participar jornalistas devidamente registrados ou grupo de profissionais, sendo ao menos um jornalista. Não há limite de número de trabalhos a serem inscritos por candidato.

O 5º Prêmio Sindilat de Jornalismo divide-se em quatro categorias:

- 1) Impresso: reúne trabalhos de veículos impressos a serem enviados em formato PDF;
- 2) Eletrônico: reúne trabalhos divulgados em veículos eletrônicos (rádio e televisão) a serem enviados mediante link;
- 3) Online: Reportagens ou série de reportagens veiculadas no período recomendado desde que apresentem indicação expressa da data de veiculação e fornecimento do link ativo;



Até 36x Sem Juros, Descontos para Pagamentos À Vista e muito mais

Anúncio Chegou a oportunidade de morar no Verdes Campos, confira as condições especiais

Frizzo

[Abrir](#)

- 4) Fotografia: Imagens alusivas à atividade leiteira veiculadas na imprensa, independentemente da plataforma dentro do período definido por este regimento e com comprovação de publicação expressa. Enviar a imagem original (em JPG) e PDF da publicação;

Os vencedores serão conhecidos na festa de fim de ano do Sindilat, no dia 05 de dezembro. Neste ano, a cerimônia ainda marcará os 50 anos de atividade do sindicato.

Para se inscrever, leia atentamente o [regulamento aqui](#).

[Ficha de inscrição](#)

[Termo de autorização de uso de imagem](#)

Veículo: Brasil de Fato

Data: 03/10/2019

Página: Notícia

Link: <https://www.brasildefato.com.br/2019/10/03/novas-regras-para-producao-de-leite-ameacam-a-agricultura-familiar/>

Novas regras para produção de leite ameaçam a agricultura familiar

Normativas do governo federal exigem uma série de adaptações que amplia a crise do setor

Catiana de Medeiros

Brasil de Fato | Porto Alegre (RS), 3 de Outubro de 2019 às 15:48



Produtores alegam que a crise no setor será ampliada com as normativas. / Foto: Wellington Lenon

Agricultores gaúchos estão preocupados com as novas regras do governo federal para a produção de leite no país. As Instruções Normativas 76 e 77, do Ministério da Agricultura (Mapa), especificam os padrões de identidade e qualidade do leite cru refrigerado, do pasteurizado e do tipo A e estabelecem alterações na forma de produzir, coletar e armazenar, que inviabilizam a entrega da produção de pequenas e médias propriedades a cooperativas e indústrias.

As instruções foram publicadas no Diário Oficial da União em novembro de 2018 e entraram em vigor em maio deste ano. Produtores ressaltam que não são contra medidas que tratam do controle da qualidade do leite. No entanto, alegam que, na prática, essas normativas querem aumentar a competitividade no mercado internacional por meio da implementação de um modelo de produção que inviabiliza e elimina os pequenos em favor dos grandes.

Temperatura máxima



Adelar Preto explica que normas ignoram realidade de locais distantes |
Divulgação MST/RS

Um exemplo de mudança que preocupa é a temperatura máxima permitida para o leite chegar ao estabelecimento industrial. Com as novas regras, caiu de dez para sete graus. Essa alteração ignora a realidade daqueles que moram em locais muito distantes e o tempo de viagem necessário para transportar a matéria-prima dessas propriedades até a indústria.

“Em Piratini, por exemplo, o caminhão faz 180, 200 km para chegar à indústria. O leite não chega com menos de 8 graus no inverno e a temperatura aumenta no verão. Com as normas antigas nem produtor, nem consumidor tiveram problemas”, explica Adelar Pretto, da Cooperativa de Produção Agropecuária Vista Alegre (Coopava).

Abandono da produção

A agricultora Rosi de Lima, de Santana do Livramento, diz que as normativas aumentarão o êxodo rural. Elas provocam o abandono da atividade, porque obrigam o produtor a fazer mais investimentos para se adequar, enquanto a produção continua desvalorizada.

Rosi conta que produzir um litro de leite custa em torno de R\$ 0,80. Na hora da venda, quem produz mais de 3 mil litros recebe aproximadamente R\$ 1,00 por litro e quem produz menos recebe R\$ 0,90. Ou seja, a sobra gira em média de R\$ 0,20 por litro. “Para viver disso tem que ter uma boa produção e diminuir custos. Mas como diminuir com essas normativas? É muito difícil”, desabafa.

Dados mostram que o número de produtores de leite cai ano após ano no RS. A estimativa é que em torno de 35 mil saíram da atividade nos últimos quatro anos. Conforme a Emater, em 2015 havia 198 mil. Desses, 84 mil, sendo 97,6% agricultores familiares, vendiam para indústrias, cooperativas ou queijarias, ou processavam a produção em agroindústria própria legalizada.

Em 2017 foram contabilizados 19 mil produtores a menos. O total caiu para 173 mil, com 65 mil vendendo para indústrias, cooperativas ou queijarias, ou processando em agroindústria própria legalizada.

Ainda de acordo com a Emater, até 2015 o RS produzia 4,6 bilhões de litros de leite ao ano. Já em 2017 a produção caiu para 4,4 bilhões de litros anuais.

A crise aumentou com o decreto 53.059/2016, do governo Sartori (MDB), que estimulou a importação de leite em pó do Uruguai e derrubou o preço pago pela indústria aos agricultores gaúchos, prejudicando ainda mais os pequenos produtores.

Movimentos pressionam o governo a anular as duas instruções



Deputado Marcon apresentou projetos de decretos legislativos para suspender as normativas | Foto: Wellington Lenon

No Rio Grande do Sul produtores e deputados estaduais do PT organizam ações para pautar os impactos das normativas. Inclusive, em Porto Alegre, será realizado um evento na Assembleia Legislativa no dia 15 de outubro.

Em Brasília, o deputado federal Dionilso Marcon (PT) pediu providências à ministra da Agricultura, Tereza Cristina, e busca apoio de outros parlamentares. Também apresentou dois projetos de decretos legislativos para tentar suspender as normativas e articula junto ao presidente da Câmara a votação direto no plenário.

“Tais medidas atingem em cheio as pequenas unidades produtivas, que produzem até 150 litros ao dia, excluindo da cadeia produtiva mais de 35 mil famílias responsáveis por mais de 54% da produção. Desde o golpe até agora com o governo Bolsonaro a crise do leite só aumenta, e quem está pagando a conta são os nossos pequenos produtores”, destaca.

A compreensão do deputado é que o setor terá extrema dificuldade para atender as exigências e a política do presidente Bolsonaro de abertura comercial com a Europa que vai atingir em cheio a produção. “As medidas acabam com os nossos colonos, que dependem da renda do leite para sustentar suas famílias, afinal, sabemos que uma família que abandona a produção de leite no Interior afeta não só ela mesma, mas toda a economia local: é menos dinheiro circulando, menos empregos, menos arrecadação, mais fome e pobreza”, salienta.

Números da produção de leite

Segundo a Embrapa Gado de Leite, o Brasil é o 4º maior produtor de leite do mundo. Cerca de 60% da produção é oriunda da agricultura familiar. Conforme o Mapa, em torno de 1 milhão de agricultores estão na atividade.

O RS é um dos estados que mais produz. Dados da Emater revelam que até 2017 a produção ocorria em 491 dos 497 municípios. A Reforma Agrária também é responsável por parte da produção. Cerca de 6 mil famílias assentadas no estado produzem mais de 120 milhões de litros de leite ao ano.

De acordo com o Sindicato da Indústria de Laticínios do RS (Sindilat), a cadeia gaúcha responde por 2,81% do Produto Interno Bruto (PIB) do estado, equivalente a R\$ 10,55 bilhões.

Veículo: Jornal do Comércio

Data: 07/10/2019

Página: Notícia

Link: https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/colunas/conexao_china/2019/10/706137-nova-familia-chinesa-favorece-o-mercado-de-lacteos-do-brasil.html

Nova família chinesa favorece o mercado de lácteos do Brasil



Sem ter irmãos para dividir na infância, a médica Jiang Fang conseguiu optar por dois filhos

/ARQUIVO PESSOAL/DIVULGAÇÃO/JC

A mudança na legislação chinesa que proibia famílias de ter dois filhos, que foi suspensa em 2015, ampliou o mercado de produtos lácteos no país, especialmente para os importados. A nova configuração da família chinesa, na qual cada dia se torna mais comum um casal e dois filhos, e não apenas um, o consumo de produtos lácteos, como leite em pó, cresce significativamente. E, com a importação de lácteos do Brasil aberta pela China neste ano, a indústria gaúcha também poderá ganhar com isso.

A Viva Lácteos, Associação Brasileira de Laticínios, estima que, após os processos de habilitação, o Brasil poderá exportar US\$ 4,5 milhões em produtos lácteos para a China. E, de acordo com Darlan Palharini, secretário-executivo do Sindicato da Indústria de Laticínios e Produtos Derivados do Rio Grande do Sul (Sindilat), apenas em leite em pó, o gigante asiático costuma importar, anualmente, 800 mil toneladas, o que equivale a 132% de toda a produção brasileira (600 mil toneladas).

Essa nova configuração da família chinesa tem como bom exemplo a médica Jiang Fang. Logo que a lei foi alterada, e como seu único filho já havia verbalizado que queria um irmão, a médica e o marido decidiram ter um segundo filho, ainda em 2016. Fang conta que ela própria sempre quis ter uma irmã e, por isso, decidiu ter mais um bebê e satisfazer o desejo do filho: "Eu via a relação da minha mãe com sua irmã e achava bonito. Sentia falta de alguém para compartilhar as coisas, conversar, dividir problemas", recorda a médica.

Sem o final da lei, caso tivesse dois filhos, Jiang terá de arcar com uma pesada multa e, com o trabalho para o governo, perderia o emprego. Além disso, conta a médica, ter um filho na China exige bastante recurso com itens como educação. A moradia também consome um boa parcela do salário, especialmente em Pequim. O valor de um apartamento de apenas 100 metros quadrados na capital chinesa, em área mais central, pode custar até 10 milhões de renminbis, o equivalente a US\$ 1,4 milhão. "Com dois filhos deixamos de viver na mesma casa de meus pais e precisamos de uma residência própria. Isso também sempre pesou na decisão, até 2015, de que um filho era suficiente", explica Jiang.

Zhan Wanli, que trabalha na área de seguros, também decidiu ter um segundo filho após 2015. Na família sempre houve um consenso familiar de que ter dois filhos era melhor do que um, já que a convivência de dois filhos ajuda as crianças estabelecerem a noção de se ajudar e se cooperar. "Em algum sentido, também dá a noção de competição para os dois e acreditamos que isso tem que ser acostumado desde criança para serem mais preparados para entrar na sociedade", pondera Wanli. Assim como Jiang, Wanli diz que criar um filho aqui na China, especialmente nas cidades grandes como Beijing, é excessivamente caro. Isso porque é comum nas famílias fazer pesados investimentos em educação. Em total, custam 65 mil renminbis (cerca de R\$ 43 mil) cada filho por ano, ocupando mais de 25% do salário.

O começo e o fim da lei do filho único

A China tem uma população gigantesca, de 1,3 bilhão de pessoas, atualmente, e, no início do século passado, isso foi motivo de preocupação com a segurança alimentar, por exemplo.

Com a adoção da lei do filho único, nos anos 1970, foi criada para reduzir o crescimento populacional. Ter dois filhos passou a ser permitido apenas para etnias minoritárias (na China existem mais de 50 etnias) e agricultores, que dependiam de mão de obra jovem para o trabalho. Fora desses grupos, quem tivesse mais de um filho sofria diferentes restrições e severas multas. Com a redução populacional, porém, o governo passou a ver problemas para o futuro, tanto com mão de obra quanto para sustentar, com seu trabalho, o sistema de previdência social. Por isso a lei do filho único foi suspensa em 2015, de olho no futuro.

Problemas na indústria chinesa de leite estimulam consumo de importados



Governo chinês vem valorizando novos fornecedores internacionais de alimentos

MARCO QUINTANA/JC/MARCO QUINTANA/JC

Como mais crianças consomem mais produtos lácteos, famílias como a de Wanli e Jiang vêm demandando mais leite, em pó e líquido, assim como iogurtes. De acordo com o chefe da divisão de defesa agropecuária da superintendente do Ministério da Agricultura no Estado, Leonardo Isolani, que esteve na China em 2019 participando das negociações para a abertura do mercado para as indústrias brasileiras, em 2016 já havia nascido 1,4 milhão de crianças mais do que em 2015.

"De um a média de pouco mais de 15 milhões de nascimentos por ano entre 2010 e 2015, a China passou para 17 milhões em 2016", explica Isolan.

Com esse incremento, de acordo com Isolan, em 2020, quando o fim da lei do filho único completa cinco anos, o governo chinês calcula que a natalidade anual terá alcançado até 20 milhões de bebês anuais.

Isolan também ressalta que os chineses dão prioridade à compra de produtos lácteos importados. O país registra recorrentes problemas em fábricas do setor. As restrições começaram há cerca de 10 anos, principalmente, quando milhares de pessoas, especialmente crianças, foram internadas em hospitais intoxicadas após consumir derivados de leite. O problema voltou a ocorrer ao menos outras duas vezes, entre 2010 e 2018, reforçando o hábito de consumo de importados. Ao mesmo tempo que abre mercado aos produtos brasileiros, a competição, porém, é grande, especialmente de produtos fabricados em países da Europa, Nova Zelândia e Austrália, países com vendas já consolidadas no mercado chinês.

"A vantagem é que o governo chinês vem valorizando novos fornecedores internacionais e o consumidor tem um comportamento favorável a testar novos importados, tem maior poder de renda e com uma população de classe média crescente", avalia Isolan.

Veículo: GuiaLat

Data: 09/10/2019

Página: Notícia

Link: https://www.guialat.com.br/?p=detalhar_noticia&id=6042

Unibom é nova associada do Sindilat

09-10-2019 09:39:38 - Por: Sindilat

A empresa tem operações concentradas na captação de leite em 44 municípios gaúchos.



A Unibom é a mais nova associada do Sindilat. Com sede em Água Santa (RS), a empresa tem operações concentradas na captação de leite em 44 municípios gaúchos. A apresentação da política leiteira da empresa foi feita pelo gerente do setor Ideno Pietrobelli, durante a última reunião de associados do Sindilat, realizada no dia 24 de setembro. O empreendimento trabalha basicamente com pequenos e médios produtores, que entregam, em média, 220 litros de leite por dia, e possui uma captação média diária de 160 mil litros.

Além disso, a empresa também trabalha com entrega constante para os parceiros Tangará Foods, Shefa e Dielat e ainda destina 10% da produção para o mercado spot. "Trabalhamos com assistência técnica e visitas para, atualmente, 700 pequenos produtores, com o objetivo de aumentar cada vez mais a qualidade na captação. Nosso trabalho é com o produtor", afirmou Pietrobelli.

Uma das novidades da Unibom é o investimento em novilhas da raça Jersey para elevar a quantidade de sólidos e com isso aumentar a rentabilidade de algumas pequenas propriedades. "O programa de fomento é um dos nossos carros-chefes. Contamos com uma equipe de médicos veterinários que avalia a condição dos produtores, do rebanho e se a raça é uma boa opção para a região onde está localizada a propriedade rural", explicou Pietrobelli. As ações de acompanhamento técnico da empresa complementam o que está preconizado no Plano de Qualificação de Fornecedores, instituído pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa). Conforme a Instrução Normativa 77 de 26/11/2018, as indústrias devem oferecer assistência, melhorias e boas práticas junto aos seus produtores. Atualmente, das 700 propriedades com as quais a empresa compra o leite, cerca de 80% do rebanho é da raça Holandesa.

Para o gerente de política da companhia, a associação ao Sindilat faz parte de um plano estratégico de informação, comunicação e participação ativa no setor lácteo. "A nossa entrada como associado vem para reforçar esse trabalho. Contamos com uma base leiteira bem consolidada e precisamos saber das mudanças que acontecem no setor. Temos que andar juntos", ressaltou.

Em 2019, a Unibom trabalha com a expectativa de conquistar um crescimento de 5% na captação de leite. Já para o próximo ano, a meta é aumentar mais 8%.

Veículo: Página Rural

Data: 11/10/2019

Página: Notícia

Link: <http://www.paginarural.com.br/noticia/273768/produtores-de-leite-debatem-sobre-a-adequacao-as-ins-em-nova-prata-diz-sindilat>

Eventos > Sindilat

RS: produtores de leite debatem sobre a adequação às INs em Nova Prata, diz Sindilat

Nova Prata/RS

Mais de mil pessoas, de diferentes municípios, entre produtores de leite, técnicos e entidades estiveram reunidos nas comunidades de Santa Líbera e Campestre, em Nova Prata (RS), afim de debater sobre novas alternativas e tecnologias para tornar a bovinocultura de leite mais rentável e sustentável. O evento foi promovido pela Emater/RS-Ascar, com o apoio do Sindicato da Indústria de Laticínios do RS (Sindilat), nesta quarta-feira (09) das 8h30 às 17h, e contou diversas palestras.

Sobre a qualidade do leite, a Cooperativa Santa Clara, empresa associada ao Sindilat, citou a implementação das Normativas do Leite (INs) 76 e 77 do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), que estão em vigor desde 30 de maio. As INs visam a melhora do produto, alterando a forma de produção, coleta e armazenagem do leite cru. De acordo com o secretário-executivo do Sindilat, Darlan Palharini, iniciativas como essa aproximam o produtor da indústria. "É importante que a cadeia produtiva permaneça unida em busca da qualidade do leite, só assim conseguiremos estar aptos à exportação de lácteos", disse.

Para Tiago Frizzon, produtor de leite no município de Cotiporã, é preciso buscar tecnologias para incrementar a produção e conseguir manter-se na atividade. "A irrigação é algo cada vez mais importante. As estiagens estão tirando nosso potencial produtivo. Então é bom termos uma noção melhor disso, porque o custo benefício da irrigação é bom".

O engenheiro agrônomo da Emater/RS-Ascar de Nova Prata, João Carlos Reginato, salientou que os produtores não têm controle sobre o preço, mas, da porteira para dentro da propriedade, podem trabalhar para que os animais produzam e rendam mais. "Os produtores precisam se adequar às INs 76 e 77, que tratam da qualidade do leite e que não são excludentes, mas um exercício de proteção do consumidor", afirmou Reginato.



Cursos
CP

	
Curso Cruzamento ...	Curso Como Fazer ...
Rs 378	Rs 398

Veículo: AgroLink

Data: 15/10/2019

Página: Notícia

Link: https://www.agrolink.com.br/noticias/audiencia-publica-debate-a-producao-de-leite-e-seus-gargalos-no-rio-grande-do-sul_425403.html



LEITE

Audiência pública debate a produção de leite e seus gargalos no Rio Grande do Sul

de diferentes bancadas

A reunião foi presidida pelo deputado estadual Edegar Pretto (PT-RS) e parlamentares

Imagem créditos: Divulgação

Por: AGROLINK COM INF. DE ASSESSORIA
Publicado em 15/10/2019 às 16:02h.



83 ACESSOS

Audiência pública conjunta das Comissões de Segurança e Agricultura da Assembleia Legislativa reuniu grande número de lideranças e entidades representativas da cadeia láctea gaúcha para debater sobre as Instruções Normativas 76 e 77 e as política de preço do leite no Rio Grande do Sul. A reunião foi presidida pelo deputado estadual Edegar Pretto (PT-RS) e parlamentares de diferentes bancadas.

O presidente do Sindicato da Indústria de Laticínios do RS (Sindilat), Alexandre Guerra, e o secretário-executivo do Sindilat, Darlan Palharini, acompanharam a audiência pública que contou com representantes e produtores de 56 municípios gaúchos. Segundo Guerra, uma das pautas mais combativas para a cadeia láctea é a guerra fiscal entre os estados, que retira competitividade do setor no Rio Grande do Sul. "Vemos o leite UHT produzido aqui no RS chegar a outros estados e ter uma sobretaxa de 8% a 9% só por não ser produzido na região compradora", afirmou o dirigente.

Guerra ainda defendeu a união de todos os elos da cadeia produtiva para fazer frente ao cenário que está posto e avançar em temas que considera cruciais, como o maior investimento em infraestrutura de logística e maior disponibilidade de crédito para os produtores. "Não existe indústria sem produtor e produtor sem indústria", disse. Guerra lembrou que as Instruções Normativas 76 e 77 do Ministério da Agricultura não vieram com o objetivo de excluir ninguém da atividade, pelo contrário. "Estamos focados em um trabalho de melhoria contínua da qualidade do nosso leite e incentivando a permanência de muitos na atividade", afirmou. Prova disso foi o trabalho realizado, no primeiro semestre deste ano, pelo Sindilat, juntamente com o Mapa, SEAPDR, Fetag, Farsul, Emater, Apil e Famurs, com apoio de universidades e prefeituras. Foram nove encontros entre os meses de maio e julho com participação total de mais de 36 mil pessoas via comparecimento ou acompanhando pelas redes sociais.

O chefe da divisão de Defesa Agropecuária do Mapa/RS, Leonardo Isolan, reforçou que as INs 76/77 não trouxeram novidades em termos de limites para adequação, mas que, apenas agora, vão enquadrar os produtores que não conseguem produzir dentro do que já estava previsto desde 2014. "As INs vinham sendo estudadas há muito tempo, foram colocadas em consulta pública por 60 dias e receberam muitas sugestões", reforçou. Segundo ele, desde a vigência das normas, em 30 de maio deste ano, o Mapa permanece a campo prestando orientações e ajudando produtores no que for necessário. "Ao contrário do que muitos pensam, as INS não tratam de exclusão e sim, de inclusão do produtor na atividade, pois, por meio de médias geométricas, ele consegue se adequar aos padrões exigidos pelas INs", destacou Isolan.

Veículo: Portal DBO

Data: 15/10/2019

Página: Notícia

Link: <https://www.portaldbo.com.br/audiencia-publica-debate-a-producao-de-leite-e-seus-gargalos-no-rs/>

Audiência pública debate a produção de leite e seus gargalos no RS

Uma das pautas mais debatidas na cadeia láctea é a guerra fiscal entre os estados, que retira competitividade do setor

PORTAL DBO 15/10/2019 4:10 PM



(Foto: Letícia Breda)

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32

Audiência pública conjunta das Comissões de Segurança e Agricultura da Assembleia Legislativa reuniu grande número de lideranças e entidades representativas da cadeia láctea gaúcha para debater sobre as Instruções Normativas 76 e 77 e as política de preço do leite no Rio Grande do Sul. A reunião foi presidida pelo deputado estadual Edegar Pretto (PT-RS) e parlamentares de diferentes bancadas.

O presidente do Sindicato da Indústria de Laticínios do RS (Sindilat), Alexandre Guerra, e o secretário-executivo do Sindilat, Darlan Palharini, acompanharam a audiência pública que contou com representantes e produtores de 56 municípios gaúchos. Segundo Guerra, uma das pautas mais combativas para a cadeia láctea é a guerra fiscal entre os estados, que retira competitividade do setor no Rio Grande do Sul. "Vemos o leite UHT produzido aqui no RS chegar a outros estados e ter uma sobretaxa de 8% a 9% só por não ser produzido na região compradora", afirmou o dirigente.

Guerra ainda defendeu a união de todos os elos da cadeia produtiva para fazer frente ao cenário que está posto e avançar em temas que considera cruciais, como o maior investimento em infraestrutura de logística e maior disponibilidade de crédito para os produtores. "Não existe indústria sem produtor e produtor sem indústria", disse. Guerra lembrou que as Instruções Normativas 76 e 77 do Ministério da Agricultura não vieram com o objetivo de excluir ninguém da atividade, pelo contrário. "Estamos focados em um trabalho de melhoria contínua da qualidade do nosso leite e incentivando a permanência de muitos na atividade", afirmou. Prova disso foi o trabalho realizado, no primeiro semestre deste ano, pelo Sindilat, juntamente com o Mapa, SEAPDR, Fetag, Farsul, Emater, Apil e Famurs, com apoio de universidades e prefeituras. Foram nove encontros entre os meses de maio e julho com participação total de mais de 36 mil pessoas via comparecimento ou acompanhando pelas redes sociais.

O chefe da divisão de Defesa Agropecuária do Mapa/RS, Leonardo Isolan, reforçou que as INs 76/77 não trouxeram novidades em termos de limites para adequação, mas que, apenas agora, vão enquadrar os produtores que não conseguem produzir dentro do que já estava previsto desde 2014. "As INs vinham sendo estudadas há muito tempo, foram colocadas em consulta pública por 60 dias e receberam muitas sugestões", reforçou. Segundo ele, desde a vigência das normas, em 30 de maio deste ano, o Mapa permanece a campo prestando orientações e ajudando produtores no que for necessário. "Ao contrário do que muitos pensam, as INS não tratam de exclusão e sim, de inclusão do produtor na atividade, pois, por meio de médias geométricas, ele consegue se adequar aos padrões exigidos pelas INs", destacou Isolan.

Veículo: Rádio Guaíba

Data: 15/10/2019

Página: Notícia

Link: <https://guaiba.com.br/2019/10/15/audiencia-publica-debate-a-producao-de-leite-e-seus-gargalos-no-rs/>

Audiência pública debate a produção de leite e seus gargalos no RS

Publicado por **Lucas Rivas** - 15/10/2019 - 16:09 e atualizado em 15/10/2019 - 16:09

f Facebook

Twitter

G+ Google+

WhatsApp

Messenger



Foto: Divulgação

Audiência pública conjunta das Comissões de Segurança e Agricultura da Assembleia Legislativa reuniu grande número de lideranças e entidades representativas da cadeia láctea gaúcha para debater sobre as Instruções Normativas 76 e 77 e as política de preço do leite no Rio Grande do Sul. A reunião foi presidida pelo deputado estadual Edegar Pretto (PT-RS) e parlamentares de diferentes bancadas.

O presidente do Sindicato da Indústria de Laticínios do RS (Sindilat), Alexandre Guerra, e o secretário-executivo do Sindilat, Darlan Palharini, acompanharam a audiência pública que contou com representantes e produtores de 56 municípios gaúchos. Segundo Guerra, uma das pautas mais combativas para a cadeia láctea é a guerra fiscal entre os estados, que retira competitividade do setor no Rio Grande do Sul. "Vemos o leite UHT produzido aqui no RS chegar a outros estados e ter uma sobretaxa de 8% a 9% só por não ser produzido na região compradora", afirmou o dirigente.

Guerra ainda defendeu a união de todos os elos da cadeia produtiva para fazer frente ao cenário que está posto e avançar em temas que considera cruciais, como o maior investimento em infraestrutura de logística e maior disponibilidade de crédito para os produtores. "Não existe indústria sem produtor e produtor sem indústria", disse. Guerra lembrou que as Instruções Normativas 76 e 77 do Ministério da Agricultura não vieram com o objetivo de excluir ninguém da atividade, pelo contrário. "Estamos focados em um trabalho de melhoria contínua da qualidade do nosso leite e incentivando a permanência de muitos na atividade", afirmou. Prova disso foi o trabalho realizado, no primeiro semestre deste ano, pelo Sindilat, juntamente com o Mapa, SEAPDR, Fetag, Farsul, Emater, Apil e Famurs, com apoio de universidades e prefeituras. Foram nove encontros entre os meses de maio e julho com participação total de mais de 36 mil pessoas via comparecimento ou acompanhando pelas redes sociais.

O chefe da divisão de Defesa Agropecuária do Mapa/RS, Leonardo Isolan, reforçou que as INs 76/77 não trouxeram novidades em termos de limites para adequação, mas que, apenas agora, vão enquadrar os produtores que não conseguem produzir dentro do que já estava previsto desde 2014. "As INs vinham sendo estudadas há muito tempo, foram colocadas em consulta pública por 60 dias e receberam muitas sugestões", reforçou. Segundo ele, desde a vigência das normas, em 30 de maio deste ano, o Mapa permanece a campo prestando orientações e ajudando produtores no que for necessário. "Ao contrário do que muitos pensam, as INS não tratam de exclusão e sim, de inclusão do produtor na atividade, pois, por meio de médias geométricas, ele consegue se adequar aos padrões exigidos pelas INs", destacou Isolan.

Veículo: Página Rural

Data: 15/10/2019

Página: Notícia

Link: <http://www.paginarural.com.br/noticia/273865/audiencia-publica-debate-a-producao-de-leite-e-seus-gargalos-no-rio-grande-do-sul-diz-sindilat>

Eventos > Audiência Pública

RS: audiência pública debate a produção de leite e seus gargalos no Rio Grande do Sul, diz Sindilat

Porto Alegre/RS

Audiência pública conjunta das Comissões de Segurança e Agricultura da Assembleia Legislativa reuniu grande número de lideranças e entidades representativas da cadeia láctea gaúcha para debater sobre as Instruções Normativas 76 e 77 e as política de preço do leite no Rio Grande do Sul. A reunião foi presidida pelo deputado estadual Edegar Pretto (PT-RS) e parlamentares de diferentes bancadas.

O presidente do Sindicato da Indústria de Laticínios do RS (Sindilat), Alexandre Guerra, e o secretário-executivo do Sindilat, Darlan Palharini, acompanharam a audiência pública que contou com representantes e produtores de 56 municípios gaúchos. Segundo Guerra, uma das pautas mais combativas para a cadeia láctea é a guerra fiscal entre os estados, que retira competitividade do setor no Rio Grande do Sul. "Vemos o leite UHT produzido aqui no RS chegar a outros estados e ter uma sobretaxa de 8% a 9% só por não ser produzido na região compradora", afirmou o dirigente.

Guerra ainda defendeu a união de todos os elos da cadeia produtiva para fazer frente ao cenário que está posto e avançar em temas que considera cruciais, como o maior investimento em infraestrutura de logística e maior disponibilidade de crédito para os produtores. "Não existe indústria sem produtor e produtor sem indústria", disse. Guerra lembrou que as Instruções Normativas 76 e 77 do Ministério da Agricultura não vieram com o objetivo de excluir ninguém da atividade, pelo contrário. "Estamos focados em um trabalho de melhoria contínua da qualidade do nosso leite e incentivando a permanência de muitos na atividade", afirmou. Prova disso foi o trabalho realizado, no primeiro semestre deste ano, pelo Sindilat, juntamente com o Mapa, Seapdr, Fetag, Farsul, Emater, Apil e Famurs, com apoio de universidades e prefeituras. Foram nove encontros entre os meses de maio e julho com participação total de mais de 36 mil pessoas via comparecimento ou acompanhando pelas redes sociais.

O chefe da divisão de Defesa Agropecuária do Mapa/RS, Leonardo Isolan, reforçou que as INs 76/77 não trouxeram novidades em termos de limites para adequação, mas que, apenas agora, vão enquadrar os produtores que não conseguirem produzir dentro do que já estava previsto desde 2014. "As INs vinham sendo estudadas há muito tempo, foram colocadas em consulta pública por 60 dias e receberam muitas sugestões", reforçou. Segundo ele, desde a vigência das normas, em 30 de maio deste ano, o Mapa permanece a campo prestando orientações e ajudando produtores no que for necessário.

"Ao contrário do que muitos pensam, as INs não tratam de exclusão e sim, de inclusão do produtor na atividade, pois, por meio de médias geométricas, ele consegue se adequar aos padrões exigidos pelas INs", destacou Isolan.

Fonte: Sindicato da Indústria de Laticínios do Rio Grande do Sul (Sindilat)



Veículo: Jornal do Comércio

Data: 15/10/2019

Página: Notícia

Link: <https://www.jornaldocomercio.com/ conteudo/economia/2019/10/707644-audiencia-discute-gargalos-da-producao-de-leite-no-estado.html>

Audiência discute gargalos da produção de leite no Estado



Diversas entidades participaram do debate na Assembleia
/LETÍCIA BREDA/DIVULGAÇÃO/JD

Audiência pública conjunta das Comissões de Segurança e Agricultura da Assembleia Legislativa reuniu grande número de lideranças e entidades representativas da cadeia láctea gaúcha para debater sobre as Instruções Normativas 76 e 77 e as política de preço do leite no Rio Grande do Sul. A reunião foi presidida pelo deputado estadual Edegar Preto (PT-RS) e parlamentares de diferentes bancadas.

O presidente do Sindicato da Indústria de Laticínios do RS (Sindilat), Alexandre Guerra, e o secretário-executivo do Sindilat, Darlan Palharini, acompanharam a audiência pública que contou com representantes e produtores de 56 municípios gaúchos. Segundo Guerra, uma das pautas mais combativas para a cadeia láctea é a guerra fiscal entre os estados, que retira competitividade do setor no Rio Grande do Sul. "Vemos o leite UHT produzido aqui no RS chegar a outros estados e ter uma sobretaxa de 8% a 9% só por não ser produzido na região compradora", afirmou o dirigente.

Guerra ainda defendeu a união de todos os elos da cadeia produtiva para fazer frente ao cenário que está posto e avançar em temas que considera cruciais, como o maior investimento em infraestrutura de logística e maior disponibilidade de crédito para os produtores. "Não existe indústria sem produtor e produtor sem indústria", disse. Guerra lembrou que as Instruções Normativas 76 e 77 do Ministério da Agricultura não vieram com o objetivo de excluir ninguém da atividade, pelo contrário. "Estamos focados em um trabalho de melhoria contínua da qualidade do nosso leite e incentivando a permanência de muitos na atividade", afirmou. Prova disso foi o trabalho realizado, no primeiro semestre deste ano, pelo Sindilat, juntamente com o Mapa, SEAPDR, Fetag, Farsul, Emater, Apil e Famurs, com apoio de universidades e prefeituras. Foram nove encontros entre os meses de maio e julho com participação total de mais de 36 mil pessoas via comparecimento ou acompanhando pelas redes sociais.

O chefe da divisão de Defesa Agropecuária do Mapa/RS, Leonardo Isolan, reforçou que as INs 76/77 não trouxeram novidades em termos de limites para adequação, mas que, apenas agora, vão enquadrar os produtores que não conseguirem produzir dentro do que já estava previsto desde 2014. "As INs vinham sendo estudadas há muito tempo, foram colocadas em consulta pública por 60 dias e receberam muitas sugestões", reforçou. Segundo ele, desde a vigência das normas, em 30 de maio deste ano, o Mapa permanece a campo prestando orientações e ajudando produtores no que for necessário. "Ao contrário do que muitos pensam, as INs não tratam de exclusão e sim, de inclusão do produtor na atividade, pois, por meio de médias geométricas, ele consegue se adequar aos padrões exigidos pelas INs", destacou Isolan.

Veículo: Notícias Agrícolas

Data: 22/10/2019

Página: Notícia

Link: <https://www.noticiasagricolas.com.br/noticias/leite/245300-valor-de-referencia-do-leite-cai-no-rio-grande-do-sul.html#.Xbso8pKjIV>

Valor de referência do leite cai no Rio Grande do Sul

Publicado em 22/10/2019 10:45 e atualizado em 22/10/2019 11:46



120 exibições



O valor de referência do leite no Rio Grande do Sul estimado para o mês de outubro é de R\$ 1,0609, 3,47% abaixo do consolidado de setembro (R\$ 1,0991). Segundo dados divulgados nesta terça-feira (22/10) pelo Conseleite, a tendência reflete o período de safra, mas está mais amena em 2019 em relação a anos anteriores. A redução pontual da pesquisa de outubro foi puxada pela diminuição do leite UHT, carro chefe do mix do Estado, mas teve compensação parcial com a alta do leite em pó.

A tendência de mercado é de estabilidade, uma vez que o volume de captação começa a reduzir com a diminuição da produção no campo nas próximas semanas. "Em 2019, o UHT apresentou estabilidade.

Diferentemente de outros anos quando se registrou variações bruscas no preço, a curva do ano indica quedas e elevações suaves no preço do UHT", disse o professor da UPF e responsável pelo estudo Eduardo Finamore. A reunião do Conseleite foi realizada na sede da Farsul, em Porto Alegre.

Segundo o presidente do Conseleite e do Sindilat, Alexandre Guerra, os números refletem uma mudança nos hábitos de consumo do brasileiro em um ano de crise e falta de recursos na economia. "As famílias estão buscando preço porque a crise impactou em cheio o poder de consumo". Além disso, justificou ele, o que se viu em 2019 foi um aumento das vendas no atacado em detrimento do varejo, principalmente entre as classes A e B, que também estão buscando adquirir leite e outros alimentos básicos a preços mais competitivos. "Isso impacta o comércio e traz reflexo direto no setor industrial e no produtor porque estamos em um mesmo mercado. Os movimentos do consumidor interferem em todos os elos".

IN 76 e 77

Durante a reunião, as entidades que integram o Conseleite ainda debateram o impacto das Instruções Normativas 76 e 77 no campo, principalmente com os resultados de médias geométricas de CBT, que já limitam a captação do leite de alguns produtores gaúchos. O colegiado entende que é preciso realizar alguns ajustes de metodologia que estimulem os produtores a seguir melhorando. "Em alguns casos, não valoriza o esforço que vem sendo feito no campo", pontuou o gerente técnico adjunto da Emater/RS-Ascar, Jaime Ries, que apresentou casos concretos de distorções que vêm ocorrendo.

Veículo: Destaque Rural

Data: 22/10/2019

Página: Notícia

Link: <https://destaquerural.com.br/noticias/ver/7460/Valor-de-refer%C3%Aancia-do-leite-cai-no-Rio-Grande-do-Sul>

Valor de referência do leite cai no Rio Grande do Sul



O valor de referência do leite no Rio Grande do Sul estimado para o mês de outubro é de R\$ 1,0609, 3,47% abaixo do consolidado de setembro (R\$ 1,0991). Segundo dados divulgados nesta terça-feira (22/10) pelo Consete, a tendência reflete o período de safra, mas está mais amena em 2019 em relação a anos anteriores. A redução pontual da pesquisa de outubro foi puxada pela diminuição do leite UHT, carro chefe do mix do Estado, mas teve compensação parcial com a alta do leite em pó.

A tendência de mercado é de estabilidade, uma vez que o volume de captação começa a reduzir com a diminuição da produção no campo nas próximas semanas. "Em 2019, o UHT apresentou estabilidade. Diferentemente de outros anos quando se registrou variações bruscas no preço, a curva do ano indica quedas e elevações suaves no preço do UHT", disse o professor da UPF e responsável pelo estudo Eduardo Finamore. A reunião do Consete foi realizada na sede da Farsul, em Porto Alegre.

Segundo o presidente do Consete e do Sindilat, Alexandre Guerra, os números refletem uma mudança nos hábitos de consumo do brasileiro em um ano de crise e falta de recursos na economia. "As famílias estão buscando preço porque a crise impactou em cheio o poder de consumo". Além disso, justificou ele, o que se viu em 2019 foi um aumento das vendas no atacado em detrimento do varejo, principalmente entre as classes A e B, que também estão buscando adquirir leite e outros alimentos básicos a preços mais competitivos. "Isso impacta o comércio e traz reflexo direto no setor industrial e no produtor porque estamos em um mesmo mercado. Os movimentos do consumidor interferem em todos os elos".

IN 76 e 77

Durante a reunião, as entidades que integram o Consete ainda debateram o impacto das Instruções Normativas 76 e 77 no campo, principalmente com os resultados de médias geométricas de CBT, que já limitam a captação do leite de alguns produtores gaúchos. O colegiado entende que é preciso realizar alguns ajustes de metodologia que estimulem os produtores a seguir melhorando. "Em alguns casos, não valoriza o esforço que vem sendo feito no campo", pontuou o gerente técnico adjunto da Emater/RS-Ascar, Jaime Ries, que apresentou casos concretos de distorções que vêm ocorrendo.

Tabela 1: Valores Finais da Matéria-Prima (Leite) de Referência¹, em R\$ – Setembro de 2019.

Matéria-prima	Valores Projetados Setembro /19	Valores Finais Setembro /19	Diferença (Final – projetado)
I – Maior valor de referência	1,2516	1,2640	0,0124
II – Preço de referência IN 76/77 ¹	1,0884	1,0991	0,0108
III – Menor valor de referência	0,9795	0,9892	0,0097

1. Valor para o leite "posto na propriedade" o que significa que o frete não deve ser descontado do produtor rural. Nos valores de referência IN 76/77 está incluso Funrural de 1,5% a ser descontado do produtor rural

Tabela 2: Valores Projetados da Matéria-Prima (Leite) de Referência¹ IN 76/77, em R\$ – Outubro de 2019.

Matéria-prima	Outubro*/19
I – Maior valor de referência	1,2201
II – Preço de referência IN 76/77	1,0609
III – Menor valor de referência	0,9548

Veículo: AgroLink

Data: 22/10/2019

Página: Notícia

Link: https://www.agrolink.com.br/noticias/valor-de-referencia-do-leite-cai-no-rio-grande-do-sul_425669.html



Imagens créditos: Divulgação

LEITE

Valor de referência do leite cai no Rio Grande do Sul

Valor de referência do leite no RS estimado para o mês de outubro é de R\$ 1,0609, 3,47% abaixo do consolidado de setembro (R\$ 1,0991)

Por: **AGROLINK COM INF. DE ASSESSORIA**
Publicado em 22/10/2019 às 11:50h.



130 ACESSOS

O valor de referência do leite no Rio Grande do Sul estimado para o mês de outubro é de R\$ 1,0609, 3,47% abaixo do consolidado de setembro (R\$ 1,0991). Segundo dados divulgados nesta terça-feira (22/10) pelo Conseleite, a tendência reflete o período de safra, mas está mais amena em 2019 em relação a anos anteriores. A redução pontual da pesquisa de outubro foi puxada pela diminuição do leite UHT, carro-chefe do mix do Estado, mas teve compensação parcial com a alta do leite em pó.

A tendência de mercado é de estabilidade, uma vez que o volume de captação começa a reduzir com a diminuição da produção no campo nas próximas semanas. "Em 2019, o UHT apresentou estabilidade. Diferentemente de outros anos quando se registrou variações bruscas no preço, a curva do ano indica quedas e elevações suaves no preço do UHT", disse o professor da UPF e responsável pelo estudo Eduardo Finamore. A reunião do Conseleite foi realizada na sede da Farsul, em Porto Alegre.

Segundo o presidente do Conseleite e do Sindilat, Alexandre Guerra, os números refletem uma mudança nos hábitos de consumo do brasileiro em um ano de crise e falta de recursos na economia. "As famílias estão buscando preço porque a crise impactou em cheio o poder de consumo". Além disso, justificou ele, o que se viu em 2019 foi um aumento das vendas no atacado em detrimento do varejo, principalmente entre as classes A e B, que também estão buscando adquirir leite e outros alimentos básicos a preços mais competitivos. "Isso impacta o comércio e traz reflexo direto no setor industrial e no produtor porque estamos em um mesmo mercado. Os movimentos do consumidor interferem em todos os elos".

IN 76 e 77

Durante a reunião, as entidades que integram o Conseleite ainda debateram o impacto das Instruções Normativas 76 e 77 no campo, principalmente com os resultados de médias geométricas de CBT, que já limitam a captação do leite de alguns produtores gaúchos. O colegiado entende que é preciso realizar alguns ajustes de metodologia que estimulem os produtores a seguir melhorando. "Em alguns casos, não valoriza o esforço que vem sendo feito no campo", pontuou o gerente técnico adjunto da Emater/RS-Ascar, Jaime Ries, que apresentou casos concretos de distorções que vêm ocorrendo.

Segundo o presidente do Conseleite e do Sindilat, Alexandre Guerra, os números refletem uma **mudança nos hábitos de consumo do brasileiro** em um ano de crise e falta de recursos na economia. "As famílias estão buscando preço porque a crise impactou em cheio o poder de consumo". Além disso, justificou ele, o que se viu em 2019 foi um aumento das vendas no atacado em detrimento do varejo, principalmente entre as classes A e B, que também estão buscando adquirir leite e outros alimentos básicos a preços mais competitivos. "Isso impacta o comércio e traz reflexo direto no setor industrial e no produtor porque estamos em um mesmo mercado. Os movimentos do consumidor interferem em todos os elos".

IN 76 e 77

Durante a reunião, as entidades que integram o Conseleite ainda debateram o impacto das Instruções Normativas 76 e 77 no campo, principalmente com os resultados de médias geométricas de CBT, que já limitam a captação do leite de alguns produtores gaúchos. O colegiado entende que é preciso realizar alguns ajustes de metodologia que estimulem os produtores a seguir melhorando. "Em alguns casos, não valoriza o esforço que vem sendo feito no campo", pontuou o gerente técnico adjunto da Emater/RS-Ascar, Jaime Ries, que apresentou casos concretos de distorções que vêm ocorrendo.

Tabela 1: Valores Finais da Matéria-Prima (Leite) de Referência¹, em RS – Setembro de 2019.

Matéria-prima	Valores Projetados Setembro /19	Valores Finais Setembro /19	Diferença (Final – projetado)
I – Maior valor de referência	1,2516	1,2640	0,0124
II – Preço de referência IN 76/77 ²	1,0884	1,0991	0,0108
III – Menor valor de referência	0,9795	0,9892	0,0097

(1) Valor para o leite "para a propriedade" o que significa que o leite não deve ser descontado do produtor rural. Nos valores de referência IN 76/77 está incluído Fator de 1,5% a ser descontado do produtor rural.

Tabela 2: Valores Projetados da Matéria-Prima (Leite) de Referência¹ IN 76/77, em RS – Outubro de 2019.

Matéria-prima	Outubro ² /19
I – Maior valor de referência	1,2201
II – Preço de referência IN 76/77	1,0609
III – Menor valor de referência	0,9548

² Provisão

As informações são do Conseleite/RS.

Veículo: Revista Globo Rural

Data: 22/10/2019

Página: Notícia

Link: <https://revistagloborural.globo.com/Noticias/Criacao/Leite/noticia/2019/10/globo-rural-preco-de-referencia-do-litro-do-leite-em-outubro-cai-347-diz-conseleiteiros.html>

Preço de referência do litro do leite em outubro cai 3,47%, diz Conseleite/RS

A queda do preço em 2019 foi menor em relação aos últimos anos

🕒 1 min de leitura

ESTADÃO CONTEÚDO

22 OUT 2019 - 15H51 | ATUALIZADO EM 22 OUT 2019 - 15H51



A informação foi divulgada nesta sexta-feira, 22, em nota, pelo Conseleite gaúcho. (Foto: iStockphoto)

O preço de referência do litro do leite no Rio Grande do Sul em outubro deve fechar em R\$ 1,0609, valor 3,47% menor em relação ao consolidado em setembro (R\$ 1,0991). A informação foi divulgada nesta sexta-feira, 22, em nota, pelo Conseleite gaúcho.

De acordo com o conselho, a situação reflete o período de safra no Estado, mas a queda foi mais amena em 2019 em relação a anos anteriores. "A redução pontual da pesquisa de outubro foi puxada pela diminuição do leite UHT, carro chefe do mix do Estado, mas teve compensação parcial com a alta do leite em pó", diz o Conseleite, acrescentando, ainda, que a tendência de mercado é de estabilidade, pois o volume captado de matéria-prima começa a cair, com a redução da produção no campo nas próximas semanas.

"Em 2019, o UHT apresentou estabilidade. Diferentemente de outros anos, quando se registraram variações bruscas no preço, a curva do ano indica quedas e elevações suaves no preço do UHT", disse o professor da UPF e responsável pelo estudo, Eduardo Finamore.

▼ PUBLICIDADE ▼



Segredo de nutrição de um time campeão.

Veículo: Portal DBO

Data: 22/10/2019

Página: Notícia

Link: <https://www.portaldbo.com.br/valor-de-referencia-do-leite-cai-347-no-rio-grande-do-sul/>

Valor de referência do leite cai 3,47% no RS

A tendência de mercado é de estabilidade; o volume de captação começa a reduzir com a diminuição da produção

PORTAL DBO | 22/10/2019 | 12:14 PM



Reunião do Conseleite

O valor de referência do leite no Rio Grande do Sul estimado para o mês de outubro é de R\$ 1,0609, 3,47% abaixo do consolidado de setembro (R\$ 1,0991). Segundo dados divulgados nesta terça-feira (22/10) pelo Conseleite, a tendência reflete o período de safra, mas está mais amena em 2019 em relação a anos anteriores. A redução pontual da pesquisa de outubro foi puxada pela diminuição do leite UHT, carro chefe do mix do Estado, mas teve compensação parcial com a alta do leite em pó.

A tendência de mercado é de estabilidade, uma vez que o volume de captação começa a reduzir com a diminuição da produção no campo nas próximas semanas. "Em 2019, o UHT apresentou estabilidade. Diferentemente de outros anos, quando foram registradas variações bruscas no preço, a curva do ano indica quedas e elevações suaves no preço do UHT", disse o professor da UPF e responsável pelo estudo Eduardo Finamore. A reunião do Conseleite foi realizada na sede da Farsul, em Porto Alegre.

Segundo o presidente do Conseleite e do Sindilat, Alexandre Guerra, os números refletem uma mudança nos hábitos de consumo do brasileiro em um ano de crise e falta de recursos na economia. "As famílias estão buscando preço porque a crise impactou em cheio o poder de consumo". Além disso, justificou ele, o que se viu em 2019 foi um aumento das vendas no atacado em detrimento do varejo, principalmente entre as classes A e B, que também estão buscando adquirir leite e outros alimentos básicos a preços mais competitivos. "Isso impacta o comércio e traz reflexo direto ao setor industrial e ao produtor porque estamos em um mesmo mercado. Os movimentos do consumidor interferem em todos os elos".

IN 76 e 77

Durante a reunião, as entidades que integram o Conseleite ainda debateram o impacto das Instruções Normativas 76 e 77 no campo, principalmente com os resultados de médias geométricas de CBT, que já limitam a captação do leite de alguns produtores gaúchos. O colegiado entende que é preciso realizar alguns ajustes de metodologia que estimulem os produtores a seguir melhorando. "Em alguns casos, não valoriza o esforço que vem sendo feito no campo", pontuou o gerente técnico adjunto da Emater/RS-Ascar, Jaime Ries, que apresentou casos concretos de distorções que vêm ocorrendo.

Veículo: Rádio Guaíba

Data: 22/10/2019

Página: Notícia

Link: <https://guaiba.com.br/2019/10/22/valor-de-referencia-do-leite-cai-no-rio-grande-do-sul/>

Valor de referência do leite cai no Rio Grande do Sul

Publicado por **Lucas Rivas** - 22/10/2019 - 14:10 e atualizado em 22/10/2019 - 14:10



Facebook



Twitter



Google+



WhatsApp



Messenger



Foto: Guilherme Testa / CP Memória

O valor de referência do leite no Rio Grande do Sul estimado para o mês de outubro é de R\$ 1,0609, 3,47% abaixo do consolidado de setembro (R\$ 1,0991). Segundo dados divulgados nesta terça-feira pelo Conleite, a tendência reflete o período de safra, mas está mais amena em 2019 em relação a anos anteriores. A redução pontual da pesquisa de outubro foi puxada pela diminuição do leite UHT, carro chefe do mix do Estado, mas teve compensação parcial com a alta do leite em pó.

A tendência de mercado é de estabilidade, uma vez que o volume de captação começa a reduzir com a diminuição da produção no campo nas próximas semanas. "Em 2019, o UHT apresentou estabilidade. Diferentemente de outros anos quando se registrou variações bruscas no preço, a curva do ano indica quedas e elevações suaves no preço do UHT", disse o professor da UPF e responsável pelo estudo Eduardo Finamore. A reunião do Conleite foi realizada na sede da Farsul, em Porto Alegre.

Segundo o presidente do Conleite e do Sindilat, Alexandre Guerra, os números refletem uma mudança nos hábitos de consumo do brasileiro em um ano de crise e falta de recursos na economia. "As famílias estão buscando preço porque a crise impactou em cheio o poder de consumo". Além disso, justificou ele, o que se viu em 2019 foi um aumento das vendas no atacado em detrimento do varejo, principalmente entre as classes A e B, que também estão buscando adquirir leite e outros alimentos básicos a preços mais competitivos. "Isso impacta o comércio e traz reflexo direto no setor industrial e no produtor porque estamos em um mesmo mercado. Os movimentos do consumidor interferem em todos os elos".

IN 76 e 77

Durante a reunião, as entidades que integram o Conseleite ainda debateram o impacto das Instruções Normativas 76 e 77 no campo, principalmente com os resultados de médias geométricas de CBT, que já limitam a captação do leite de alguns produtores gaúchos. O colegiado entende que é preciso realizar alguns ajustes de metodologia que estimulem os produtores a seguir melhorando. "Em alguns casos, não valoriza o esforço que vem sendo feito no campo", pontuou o gerente técnico adjunto da Emater/RS-Ascar, Jaime Ries, que apresentou casos concretos de distorções que vêm ocorrendo.

Veículo: Jornal Dia a Dia

Data: 22/10/2019

Página: Notícia

Link: <http://jornaldiadia.com.br/2019/2019/10/22/valor-de-referencia-do-leite-cai-no-rio-grande-do-sul/>

Valor de referência do leite cai no Rio Grande do Sul

22 de outubro de 2019 Por DANIEL

O valor de referência do leite no Rio Grande do Sul estimado para o mês de outubro é de R\$ 1,0609, 3,47% abaixo do consolidado de setembro (R\$ 1,0991). Segundo dados divulgados nesta terça-feira (22/10) pelo Conseteite, a tendência reflete o período de safra, mas está mais amena em 2019 em relação a anos anteriores. A redução pontual da pesquisa de outubro foi puxada pela diminuição do leite UHT, carro chefe do mix do Estado, mas teve compensação parcial com a alta do leite em pó.

A tendência de mercado é de estabilidade, uma vez que o volume de captação começa a reduzir com a diminuição da produção no campo nas próximas semanas. "Em 2019, o UHT apresentou estabilidade. Diferentemente de outros anos quando se registrou variações bruscas no preço, a curva do ano indica quedas e elevações suaves no preço do UHT", disse o professor da UPF e responsável pelo estudo Eduardo Finamore. A reunião do Conseteite foi realizada na sede da Farsul, em Porto Alegre.

Segundo o presidente do Conseteite e do Sindilat, Alexandre Guerra, os números refletem uma mudança nos hábitos de consumo do brasileiro em um ano de crise e falta de recursos na economia. "As famílias estão buscando preço porque a crise impactou em cheio o poder de consumo". Além disso, justificou ele, o que se viu em 2019 foi um aumento das vendas no atacado em detrimento do varejo, principalmente entre as classes A e B, que também estão buscando adquirir leite e outros alimentos básicos a preços mais competitivos. "Isso impacta o comércio e traz reflexo direto no setor industrial e no produtor porque estamos em um mesmo mercado. Os movimentos do consumidor interferem em todos os elos".

IN 76 e 77

Durante a reunião, as entidades que integram o Conseteite ainda debateram o impacto das Instruções Normativas 76 e 77 no campo, principalmente com os resultados de médias geométricas de CBT, que já limitam a captação do leite de alguns produtores gaúchos. O colegiado entende que é preciso realizar alguns ajustes de metodologia que estimulem os produtores a seguir melhorando. "Em alguns casos, não valoriza o esforço que vem sendo feito no campo", pontuou o gerente técnico adjunto da Emater/RS-Ascar, Jaime Ries, que apresentou casos concretos de distorções que vêm ocorrendo.

Foto: Carolina Jardine

Tabela 1: Valores Finais da Matéria-Prima (Leite) de Referência¹, em R\$ – Setembro de 2019.

Matéria-prima	Valores Projetados Setembro /19	Valores Finais Setembro /19	Diferença(Final – projetado)
I – Maior valor de referência	1,2516	1,2640	0,0124
II – Preço de referência IN 76/77 ¹	1,0884	1,0991	0,0108
III – Menor valor de referência	0,9795	0,9892	0,0097

(1) Valor para o leite "posto na propriedade" o que significa que o frete não deve ser descontado do produtor rural. Nos valores de referência IN 76/77 está incluso Furrural de 1,5% a ser descontado do produtor rural

Tabela 2: Valores Projetados da Matéria-Prima (Leite) de Referência¹ IN 76/77, em R\$ – Outubro de 2019.

Matéria-prima	Outubro*/19
I – Maior valor de referência	1,2201
II – Preço de referência IN 76/77	1,0609
III – Menor valor de referência	0,9548

* Previsão

Veículo: Canal Rural

Data: 22/10/2019

Página: Notícia

Link: <https://canalrural.uol.com.br/noticias/pecuaria/leite/preco-do-leite-no-rio-grande-do-sul-deve-fechar-outubro-com-queda-de-35/>

Preço do leite no Rio Grande do Sul deve fechar outubro com queda de 3,5%

De acordo com o Conseleite, a tendência reflete o período de safra, mas está mais amena em 2019 em relação a anos anteriores



22 de outubro de 2019 às 12h48
Por Canal Rural



Foto: Pixabay

O preço do leite no Rio Grande do Sul em outubro deve ficar em R\$ 1,0609, 3,47% abaixo do consolidado de setembro, R\$ 1,0991. Segundo dados divulgados nesta terça-feira, 22, pelo Conceleite, a tendência reflete o período de safra, mas está mais amena em 2019 em relação a anos anteriores. A redução pontual da pesquisa de outubro foi puxada pela diminuição do leite longa vida (UHT), carro chefe do mix do estado, mas teve compensação parcial com a alta do leite em pó.

A tendência de mercado é de estabilidade, uma vez que o volume de captação começa a reduzir com a diminuição da produção no campo nas próximas semanas. "Em 2019, o UHT apresentou estabilidade. Diferentemente de outros anos quando se registrou variações bruscas no preço, a curva do ano indica quedas e elevações suaves no preço do UHT", disse o professor da Universidade de Passo Fundo Eduardo Finamore.



Segundo o presidente do Conceleite e do Sindilat, Alexandre Guerra, os números refletem uma mudança nos hábitos de consumo do brasileiro em um ano de crise e falta de recursos na economia. "As famílias estão buscando preço porque a crise impactou em cheio o poder de consumo".

Além disso, justificou ele, o que se viu em 2019 foi um aumento das vendas no atacado em detrimento do varejo, principalmente entre as classes A e B, que também estão buscando adquirir leite e outros alimentos básicos a preços mais competitivos. "Isso impacta o comércio e traz reflexo direto no setor industrial e no produtor porque estamos em um mesmo mercado. Os movimentos do consumidor interferem em todos os elos".

O preço do leite no Rio Grande do Sul em outubro deve ficar em R\$ 1,0609, 3,47% abaixo do consolidado de setembro, R\$ 1,0991. Segundo dados divulgados nesta terça-feira, 22, pelo Conceleite, a tendência reflete o período de safra, mas está mais amena em 2019 em relação a anos anteriores. A redução pontual da pesquisa de outubro foi puxada pela diminuição do leite longa vida (UHT), carro chefe do mix do estado, mas teve compensação parcial com a alta do leite em pó.

A tendência de mercado é de estabilidade, uma vez que o volume de captação começa a reduzir com a diminuição da produção no campo nas próximas semanas. "Em 2019, o UHT apresentou estabilidade. Diferentemente de outros anos quando se registrou variações bruscas no preço, a curva do ano indica quedas e elevações suaves no preço do UHT", disse o professor da Universidade de Passo Fundo Eduardo Finamore.



- **Produtores de leite trabalham no vermelho, diz CNA**
- **É fake! Indicação em caixa de leite NÃO significa que produto foi reprocessado**

Segundo o presidente do Conceleite e do Sindilat, Alexandre Guerra, os números refletem uma mudança nos hábitos de consumo do brasileiro em um ano de crise e falta de recursos na economia. "As famílias estão buscando preço porque a crise impactou em cheio o poder de consumo".

Veículo: Página Rural

Data: 22/10/2019

Página: Notícia

Link: <http://www.paginarural.com.br/noticia/274100/valor-de-referencia-do-leite-cai-no-rio-grande-do-sul-diz-conseleite>

Eventos > Leite

RS: valor de referência do leite cai no Rio Grande do Sul, diz Conseleite

Porto Alegre/RS

O valor de referência do leite no Rio Grande do Sul estimado para o mês de outubro é de R\$ 1,0609, 3,47% abaixo do consolidado de setembro (R\$ 1,0991). Segundo dados divulgados nesta terça-feira (22/10) pelo Conseleite, a tendência reflete o período de safra, mas está mais amena em 2019 em relação a anos anteriores. A redução pontual da pesquisa de outubro foi puxada pela diminuição do leite UHT, carro chefe do mix do Estado, mas teve compensação parcial com a alta do leite em pó.

A tendência de mercado é de estabilidade, uma vez que o volume de captação começa a reduzir com a diminuição da produção no campo nas próximas semanas. "Em 2019, o UHT apresentou estabilidade. Diferentemente de outros anos quando se registrou variações bruscas no preço, a curva do ano indica quedas e elevações suaves no preço do UHT", disse o professor da UPF e responsável pelo estudo Eduardo Finamore. A reunião do Conseleite foi realizada na sede da Farsul, em Porto Alegre.

Segundo o presidente do Conseleite e do Sindilat, Alexandre Guerra, os números refletem uma mudança nos hábitos de consumo do brasileiro em um ano de crise e falta de recursos na economia. "As famílias estão buscando preço porque a crise impactou em cheio o poder de consumo". Além disso, justificou ele, o que se viu em 2019 foi um aumento das vendas no atacado em detrimento do varejo, principalmente entre as classes A e B, que também estão buscando adquirir leite e outros alimentos básicos a preços mais competitivos. "Isso impacta o comércio e traz reflexo direto no setor industrial e no produtor porque estamos em um mesmo mercado. Os movimentos do consumidor interferem em todos os elos".

IN 76 e 77

Durante a reunião, as entidades que integram o Conseleite ainda debateram o impacto das Instruções Normativas 76 e 77 no campo, principalmente com os resultados de médias geométricas de CBT, que já limitam a captação do leite de alguns produtores gaúchos. O colegiado entende que é preciso realizar alguns ajustes de metodologia que estimulem os produtores a seguir melhorando. "Em alguns casos, não valoriza o esforço que vem sendo feito no campo", pontuou o gerente técnico adjunto da Emater/RS-Ascar, Jaime Ries, que apresentou casos concretos de distorções que vêm ocorrendo.



Tabela 1: Valores Finais da Matéria-Prima (Leite) de Referência¹, em R\$ – Setembro de 2019.

Matéria-prima	Valores Projetados Setembro /19	Valores Finais Setembro /19	Diferença (Final – projetado)
I – Maior valor de referência	1,2516	1,2640	0,0124
II – Preço de referência IN 76/77 ¹	1,0884	1,0991	0,0108
III – Menor valor de referência	0,9795	0,9892	0,0097

(1) Valor para o leite "posto na propriedade" o que significa que o frete não deve ser descontado do produtor rural. Nos valores de referência IN 76/77 está incluso Fuzural de 1,5% a ser descontado do produtor rural

Tabela 2: Valores Projetados da Matéria-Prima (Leite) de Referência¹ IN 76/77, em R\$ – Outubro de 2019.

Matéria-prima	Outubro*/19
I – Maior valor de referência	1,2201
II – Preço de referência IN 76/77	1,0609
III – Menor valor de referência	0,9548

* Projeção

Veículo: Página Rural

Data: 22/10/2019

Página: Notícia

Link: <http://www.paginarural.com.br/noticia/274100/valor-de-referencia-do-leite-cai-no-rio-grande-do-sul-diz-conseleite>

VALOR DE REFERÊNCIA DO LEITE CAI NO RIO GRANDE DO SUL

22 de outubro de 2019

O valor de referência do leite no Rio Grande do Sul estimado para o mês de outubro é de R\$ 1,0609, 3,47% abaixo do consolidado de setembro (R\$ 1,0991). Segundo dados divulgados nesta terça-feira (22/10) pelo Conseleite, a tendência reflete o período de safra, mas está mais amena em 2019 em relação a anos anteriores. A redução pontual da pesquisa de outubro foi puxada pela diminuição do leite UHT, carro chefe do mix do Estado, mas teve compensação parcial com a alta do leite em pó.

A tendência de mercado é de estabilidade, uma vez que o volume de captação começa a reduzir com a diminuição da produção no campo nas próximas semanas. "Em 2019, o UHT apresentou estabilidade. Diferentemente de outros anos quando se registrou variações bruscas no preço, a curva do ano indica quedas e elevações suaves no preço do UHT", disse o professor da UPF e responsável pelo estudo Eduardo Finamore. A reunião do Conseleite foi realizada na sede da Farsul, em Porto Alegre.

Segundo o presidente do Conseleite e do Sindilat, Alexandre Guerra, os números refletem uma mudança nos hábitos de consumo do brasileiro em um ano de crise e falta de recursos na economia. "As famílias estão buscando preço porque a crise impactou em cheio o poder de consumo". Além disso, justificou ele, o que se viu em 2019 foi um aumento das vendas no atacado em detrimento do varejo, principalmente entre as classes A e B, que também estão buscando adquirir leite e outros alimentos básicos a preços mais competitivos. "Isso impacta o comércio e traz reflexo direto no setor industrial e no produtor porque estamos em um mesmo mercado. Os movimentos do consumidor interferem em todos os elos".

IN 76 e 77

Durante a reunião, as entidades que integram o Conseleite ainda debateram o impacto das Instruções Normativas 76 e 77 no campo, principalmente com os resultados de médias geométricas de CBT, que já limitam a captação do leite de alguns produtores gaúchos. O colegiado entende que é preciso realizar alguns ajustes de metodologia que estimulem os produtores a seguir melhorando. "Em alguns casos, não valoriza o esforço que vem sendo feito no campo", pontuou o gerente técnico adjunto da Emater/RS-Ascar, Jaime Ries, que apresentou casos concretos de distorções que vêm ocorrendo. (Assessoria de Imprensa Sindilat)

Informe nº 02 - Outubro de 2019

Valor Pesquisado (em reais)	Valor Referência
1.2314	1
1.0614	1
0.9796	0

Mais que 300 produtores em todo o Estado. A pesquisa está disponível em www.conseleite.org.br

Informe nº 02 (7/17) em R\$ - Outubro de 2019

Matrizes/Preço	Valor Referência
I - Maior valor de referência	1,2314
II - Preço de referência IN 76/17	1,0609
III - Menor valor de referência	0,9796

Veículo: Conseleite

Data: 22/10/2019

Página: Notícia

Link: <http://conseleite.com.br/noticias/noticia/titulo/valor-de-referencia-do-leite-cai-no-rio-grande-do-sul>



O valor de referência do leite no Rio Grande do Sul estimado para o mês de outubro é de R\$ 1,0609, 3,47% abaixo do consolidado de setembro (R\$ 1,0991). Segundo dados divulgados nesta terça-feira (22/10) pelo Conseleite, a tendência reflete o período de safra, mas que está mais amena em 2019 em relação a anos anteriores. A redução pontual da pesquisa de outubro foi puxada pela **diminuição do leite UHT**, carro chefe do mix do Estado, mas teve compensação parcial com a alta do leite em pó.

A tendência de mercado é de estabilidade, uma vez que o volume de captação começa a reduzir com a diminuição da produção no campo nas próximas semanas. “Em 2019, o UHT apresentou estabilidade. Diferentemente de outros anos quando se registrou variações bruscas no preço, a curva do ano indica quedas e elevações suaves no preço do UHT”, disse o professor da UPF e responsável pelo estudo Eduardo Finamore. A reunião do Conseleite foi realizada na sede da Farsul, em Porto Alegre.

Segundo o presidente do Conseleite e do Sindilat, Alexandre Guerra, os números refletem uma **mudança nos hábitos de consumo do brasileiro** em um ano de crise e falta de recursos na economia. “As famílias estão buscando preço porque a crise impactou em cheio o poder de consumo”. Além disso, justificou ele, o que se viu em 2019 foi um aumento das vendas no atacado em detrimento do varejo, principalmente entre as classes A e B, que também estão buscando adquirir leite e outros alimentos básicos a preços mais competitivos. “Isso impacta o comércio e traz reflexo direto no setor industrial e no produtor porque estamos em um mesmo mercado. Os movimentos do consumidor interferem em todos os elos”.

Veículo: MilkPoint

Data: 23/10/2019

Página: Notícia

Link: <https://www.milkpoint.com.br/noticias-e-mercado/giro-noticias/conseleite-rs-valor-de-referencia-do-leite-cai-216569/>

O valor de referência do leite no Rio Grande do Sul estimado para o mês de outubro é de R\$ 1,0609, 3,47% abaixo do consolidado de setembro (R\$ 1,0991). Segundo dados divulgados nesta terça-feira (22/10) pelo Conseleite, a tendência reflete o período de safra, mas que está mais amena em 2019 em relação a anos anteriores. A redução pontual da pesquisa de outubro foi puxada pela **diminuição do leite UHT**, carro chefe do mix do Estado, mas teve compensação parcial com a alta do leite em pó.

A tendência de mercado é de estabilidade, uma vez que o volume de captação começa a reduzir com a diminuição da produção no campo nas próximas semanas. "Em 2019, o UHT apresentou estabilidade. Diferentemente de outros anos quando se registrou variações bruscas no preço, a curva do ano indica quedas e elevações suaves no preço do UHT", disse o professor da UPF e responsável pelo estudo Eduardo Finamore. A reunião do Conseleite foi realizada na sede da Farsul, em Porto Alegre.

Segundo o presidente do Conseleite e do Sindilat, Alexandre Guerra, os números refletem uma **mudança nos hábitos de consumo do brasileiro** em um ano de crise e falta de recursos na economia. "As famílias estão buscando preço porque a crise impactou em cheio o poder de consumo". Além disso, justificou ele, o que se viu em 2019 foi um aumento das vendas no atacado em detrimento do varejo, principalmente entre as classes A e B, que também estão buscando adquirir leite e outros alimentos básicos a preços mais competitivos. "Isso impacta o comércio e traz reflexo direto no setor industrial e no produtor porque estamos em um mesmo mercado. Os movimentos do consumidor interferem em todos os elos".

IN 76 e 77

Durante a reunião, as entidades que integram o Conseleite ainda debateram o impacto das Instruções Normativas 76 e 77 no campo, principalmente com os resultados de médias geométricas de CBT, que já limitam a captação do leite de alguns produtores gaúchos. O colegiado entende que é preciso realizar alguns ajustes de metodologia que estimulem os produtores a seguir melhorando. "Em alguns casos, não valoriza o esforço que vem sendo feito no campo", pontuou o gerente técnico adjunto da Emater/RS-Ascar, Jaime Ries, que apresentou casos concretos de distorções que vêm ocorrendo.

Tabela 1: Valores Finais da Matéria-Prima (Leite) de Referência¹, em R\$ - Setembro de 2019

Matéria-prima	Valores Projetados Setembro /19	Valores Finais Setembro /19	Diferença (Final - projetado)
I - Maior valor de referência	1,2518	1,2640	0,0124
II - Preço de referência IN 76/77 ¹	1,0884	1,0991	0,0108
III - Menor valor de referência	0,9795	0,9892	0,0097

(1) Valor para o leite "quente na propriedade" e que significa que o leite não deve ser decantado do produtor rural. Nos valores de referência IN 76/77 está incluído Fatorial de 1,0% a ser decantado do produtor rural

Tabela 2: Valores Projetados da Matéria-Prima (Leite) de Referência¹ IN 76/77, em R\$ - Outubro de 2019.

Matéria-prima	Outubro* 19
I - Maior valor de referência	1,2201
II - Preço de referência IN 76/77	1,0609
III - Menor valor de referência	0,9548

* Provisão

Veículo: O Informativo

Data: 24/10/2019

Página: Notícia

Link: <http://www.informativo.com.br/geral/mais-que-um-premio-uma-honra,323211.jhtml>

Mais que um prêmio: uma honra

Fotojornalista de O Informativo do Vale recebeu o terceiro lugar no 6º Prêmio José Lutzenberger de Jornalismo Ambiental

Quinta-feira, 24 de Outubro de 2019 14:30 / Atualizado em 24/10/2019 09:47



Lidiane Mallmann recebeu troféu em cerimônia na última terça-feira - Fernanda Mallmann

Às vezes, a foto perfeita é questão de sorte. Mas, quase sempre, é resultado da prática, do estudo, da persistência e da maneira como o fotógrafo consegue se inserir em alguma realidade. É isso que a fotojornalista de O Informativo do Vale, Lidiane Mallmann, faz no seu dia a dia. Em busca de imagens que vão completar as reportagens, ela está na rua, atrás dos retratos de pessoas e situações que são notícia. Pois uma dessas fotos foi reconhecida na noite da última terça-feira. Lidiane recebeu o terceiro lugar no 6º Prêmio José Lutzenberger de Jornalismo Ambiental.

O evento, que ocorreu em Porto Alegre, é promovido pela Associação Brasileira de Engenharia Sanitária e Ambiental (ABES/RS), pela Associação Riograndense de Imprensa (ARI) e pela Braskem. Premia reportagens publicadas em veículos do Rio Grande do Sul que abordam boas práticas de preservação do meio ambiente. O júri analisou 154 trabalhos inscritos em cinco categorias. Os três primeiros colocados em cada uma delas receberam uma premiação em dinheiro e um troféu feito de massa de banner - material reaproveitado na produção de sacolas e adereços. Alunos de jornalismo concorreram ao Prêmio Braskem de Jornalismo Universitário.

Lidiane garantiu a premiação pela foto de Ivonio Steiner, publicada no caderno Meio Ambiente na Escola, na edição de setembro do ano passado. Steiner é funcionário do Jardim Botânico de Lajeado e já plantou mais de mil árvores. Na foto destacada pelo júri, ele está segurando uma pequena muda. "Quando fotografo, sempre fico muito feliz pelas pessoas. A gente consegue dar um espaço a elas que vai marcá-las por muito tempo. Eu costumo dizer que é a pessoa fotografada que te dá a imagem", ressalta.

A fotojornalista, há quatro anos na equipe de O Informativo, também ressalta a importância de o veículo manter um caderno focado em Meio Ambiente. "Essa preocupação em falar de jornalismo ambiental num caderno que é mensal é muito importante", acredita. Lidiane também salienta o prêmio levar o nome de José Lutzenberger, o maior ambientalista gaúcho que, entre outras coisas, criou a Fundação Gaia e o Rincão Gaia, na cidade de Rio Pardo. "É uma honra ter um prêmio que lembra Lutzenberger" afirma a profissional, que é formada em Jornalismo pela Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc), com pós-graduação em Fotojornalismo pela Universidade Autônoma de Barcelona e mestre em Ciências da Comunicação pela Unisinos.

Prêmios

Lidiane Mallmann já recebeu outros prêmios como o 2º lugar no VIII Prêmio Asdep/RS de Jornalismo, com a reportagem Arsenal de Guerra no Vale, e o 2º lugar no 4º Prêmio José Lutzenberger de Jornalismo Ambiental, com a imagem Silêncio para ouvir os pássaros, publicada no Caderno Meio Ambiente na Escola de O Informativo. Já no 3º Prêmio Sindilat de Jornalismo em 2017, ficou em 1º lugar com a foto Produtores querem a volta do preço fixo para o leite. No 34º Prêmio Direitos Humanos de Jornalismo, a foto Superlotação no Presídio lhe rendeu Menção Honrosa. Em dezembro de 2018, recebeu o troféu de 2º lugar no 4º Prêmio Sindilat de Jornalismo, categoria Fotografia.

Veículo: O Informativo

Data: 25/10/2019

Página: Notícia

Link: <https://www.informativo.com.br/geral/preco-do-leite-baixa-ate-10p-na-regiao-323295.jhtml>

Preço do leite baixa até 10% na região

Expectativa de que os valores se mantivessem estáveis não se concretizou

📅 Sexta-feira, 25 de Outubro de 2019 07:00 / Atualizado em 25/10/2019 06:13



VALE DO TAQUARI | A expectativa de dias melhores para os produtores de leite ainda não está próxima. Depois de um período de crise prolongada no setor e de uma ligeira melhora, novamente ele passa por uma baixa. Nesta semana, o valor de referência do leite no Rio Grande do Sul estimado para o mês de outubro ficou em R\$ 1,0609, 3,47% abaixo do consolidado de setembro (R\$ 1,0991). Os dados, divulgados pelo Conseleite, mostram que a redução deste mês foi puxada pela diminuição do leite UHT, carro chefe do mix do Estado, mas teve compensação parcial com a alta do leite em pó. Na região, a estimativa é de queda de 10% no valor pago pelo litro.

Embora exista o valor de referência do Conseleite, na região, conforme o Sindicato da Indústria de Laticínios e Produtos Derivados do Estado do Rio Grande do Sul (Sindilat/RS), o preço pago aos produtores varia entre R\$ 1,15 e R\$ 1,65. No entanto, o secretário-executivo do Sindilat, Darlan Palharini, não nega as dificuldades. "Estamos na entressafra e começa a cair a produção. Mas a realidade é que a população está sem dinheiro e, no leite, temos esse agravante porque 99% dele fica no mercado nacional", destaca.

Conforme Palharini, depois da Operação Leite Compensado, que teve várias operações deflagradas no Estado nos últimos anos, ficaram no mercado as empresas idôneas e a qualidade dos produtos lácteos passou a se equivaler entre as marcas. Isso também faz com que o consumidor busque sempre o menor preço. Além de procurar o mais barato, em 2018 o consumo ainda caiu. "A queda está muito ligada à questão da economia. Hoje, se aumentar muito a produção, não temos onde colocá-la". E as perspectivas não são as melhores. "No período de férias escolares, que está próximo, o consumo cai ainda mais. A curto prazo, esperamos por estabilidade, torcendo para que não existam mais reduções", observa Palharini.

Reflexos na maior bacia leiteira

No Vale do Taquari, Estrela é a maior bacia leiteira. Os 450 produtores de leite do município chegam a comercializar entre 38 a 40 milhões de litros por ano. Embora os números impressionem, o setor está perdendo força. Conforme o secretário de Agricultura de Estrela José Adão Braun, muitos agricultores estão partindo para outras atividades. "Os custos não baixam nunca, mas o que vemos hoje é uma queda de cerca de 10% no valor pago pelo litro do leite. As exigências do mercado e do governo são enormes. Então, quando se disciplina a produção e temos um produto de alta qualidade para oferecer, esse esforço do produtor não é correspondido", ressalta o secretário.

Para Braun, a importação de leite em pó, especialmente do Uruguai, também vem afetando o consumo do UHT - conhecido como longa vida. "Reivindicamos o controle das importações, não precisamos delas. Produzimos o necessário e essa entrada do produto de fora tem causado um desequilíbrio", pontua o secretário, enfatizando que o período ruim acaba prejudicando a arrecadação do município e setores como o comércio.

O Sindicato da Indústria de Laticínios e Produtos Derivados do Estado do Rio Grande do Sul (Sindilat/RS) ameniza a influência do leite em pó no mau momento para os produtores gaúchos. "O leite em pó acaba indo para as indústrias, ele entra para o setor industrial. Para o consumidor, ele não chega", avalia o secretário-executivo do Sindilat, Darlan Palharini.

Diversificação como saída

O agricultor Astério Fell (66), nasceu na propriedade rural onde vive até hoje em Arroio do Ouro, no interior de Estrela. Desde criança lembra de tratar as vacas da família e ajudar a família no trabalho da ordenha. Por 35 anos, ele conta que tirou o sustento da sua família da venda do leite também. Mas a atividade chegou num ponto em que se tornou insustentável. "Produzíamos um leite de qualidade, cerca de 200 litros por dia. Mas era muito investimento que nos exigiam e não pagavam direito. Fiquei dois anos trabalhando no vermelho, até que tive que procurar uma alternativa. Mas foi difícil, porque eu gostava muito do que fazia", lembra o produtor, que há cinco anos trocou o leite pela produção de gado de corte e plantio de aipim.

Hoje, a renda vem do aipim que é comercializado na Feira do Produtor, em Estrela, e dos animais que são engordados e vendidos a um frigorífico. Todos os anos, Fell entrega cerca de dez animais para abate. "Dá para viver sem prejuízos, como antes. E dá menos trabalho que o gado de leite", relata.

Veículo: Jornal Dia a Dia

Data: 29/10/2019

Página: Notícia

Link: <http://jornaldiadia.com.br/2019/2019/10/29/sindilat-5o-premio-de-jornalismo-do-sindilat-tem-inscricoes-prorrogadas/>



SINDILAT: 5º Prêmio de Jornalismo do Sindilat tem inscrições prorrogadas

29 de outubro de 2019 10:05 POR DANIEL

Os interessados em concorrer ao 5º Prêmio de Jornalismo do Sindilat RS têm mais uma chance para inscrever seus trabalhos. Os mesmos deverão ser enviados para o e-mail imprensasindilat@gmail.com até o dia 01/11 (confira o regulamento). Os trabalhos inscritos devem abordar os aspectos relacionados ao setor lácteo, seu desenvolvimento tecnológico, avanços produtivos e desafios.

Serão recebidos trabalhos publicados em língua portuguesa em veículos com sede no Brasil, entre 28/10/2018 a 25/10/2019. Podem participar jornalistas devidamente registrados ou grupo de profissionais, sendo ao menos um jornalista. Não há limite de número de trabalhos a serem inscritos por candidato.

Confira as categorias:

- 1) Impresso: reúne trabalhos de veículos impressos a serem enviados em formato PDF;
- 2) Eletrônico: reúne trabalhos divulgados em veículos eletrônicos (rádio e televisão) a serem enviados mediante link;

Sua Graduação com **50% de desconto***

PREÇO FIXO*
*Consulte condições no site

UNISUAM
INSCREVA-SE

Anúncio

- 3) Online: Reportagens ou série de reportagens veiculadas no período recomendado desde que apresentem indicação expressa da data de veiculação e fornecimento do link ativo;
- 4) Fotografia: Imagens alusivas à atividade leiteira veiculadas na imprensa, independentemente da plataforma dentro do período definido por este regimento e com comprovação de publicação expressa. Enviar a imagem original (em JPG) e PDF da publicação;

Os vencedores serão conhecidos na festa de fim de ano do Sindilat, no dia 05 de dezembro. Neste ano, a cerimônia ainda marcará os 50 anos de atividade do sindicato.

Para se inscrever, leia [atentamente o regulamento](#).

Veículo: GuiaLat

Data: 30/10/2019

Página: Notícia

Link: https://www.guialat.com.br/?p=detalhar_noticia&id=6184

Nova Norma prejudica os pequenos produtores de leite

30-10-2019 11:17:02 - Por: Diário do Comércio

Instruções normativas 76 e 77 do MAPA alteraram critérios de qualidade do leite e exigências para a produção.



Todos os dias, antes de o sol raiar, Rosi de Lima Costa, 53, acorda para ordenhar as vacas da pequena propriedade rural, em Santana do Livramento, a 423 km de Porto Alegre, na fronteira com o Uruguai. A atividade leiteira garante a renda mensal de R\$ 1.000 para a família gaúcha de cinco pessoas.

O valor é a diferença entre o pagamento recebido da indústria e os gastos de produção. Cada litro de leite é vendido por R\$ 1, enquanto os gastos somam R\$ 0,90 por litro, incluindo medicamentos para as vacas e despesas com energia elétrica. A família comercializa 5.000 litros por mês.

"A gente se sente muito prejudicado, humilhado e desestimulado", diz a produtora sobre o preço baixo. A situação é semelhante à de outros 400 leiteiros cooperados da região de Livramento (RS) e se repete em Santa

Catarina e Paraná. Juntos, os três estados são responsáveis pela maior parte do leite produzido no País.

Porém, o cenário tem se agravado para pequenos produtores, como a família Costa. As instruções normativas 76 e 77 do Ministério da Agricultura (Mapa) alteraram critérios de qualidade do leite e exigências para a produção. As mudanças valem desde maio, mas penas só serão aplicadas a partir de novembro.

Prejuízos – Os pequenos produtores se sentem prejudicados pela mudança da temperatura limite do leite ao chegar à indústria. Antes, podia estar a 10°C. Agora, no máximo, a 7°C. Outras alterações, que envolvem assistência técnica veterinária e contagem bacteriana, já são cumpridas pelos produtores.

"Nosso leite vai até um laticínio de Boa Vista do Sul, são 500 km de distância. Mandamos para Pelotas, são 350 km até lá. Estamos entregando na temperatura certa, mas ainda não começou o verão, estamos preocupados", diz Rosi.

Na temperatura até então aceita, o leite permanecia próprio para consumo, explica o Mapa. Para a pasta, "não se trata só de leite próprio ou impróprio ao consumo, mas da qualidade da matéria-prima que refletirá diretamente no produto que chega ao consumidor".

O coordenador da Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar (Fetraf Sul), que abrange os três estados sulistas, Alexandre Bergamin, diz que a maior parte dos pequenos produtores está distante dos centros urbanos, onde estão os laticínios. As distâncias dificultam cumprir condições de resfriamento e transporte impostos e encarecem o frete.

Queijo é saída – Para Bergamin, o governo não se preocupou em criar política de fomento e organização da atividade. "Criou a lei e disse aos agricultores: 'se virem'", opina. Com propriedade em Chapecó (SC), a família de Bergamin aposta na produção de queijos como saída. Outros produtores têm migrado para a fabricação de queijos como alternativa.

"Todos concordamos serem extremamente necessárias as melhorias de índices de qualidade, mas as normativas devem gerar o menor impacto negativo possível", diz Elizandro Krajczyk, coordenador da Fetraf no Paraná, onde 110 mil famílias dependem da cadeia leiteira, segundo a entidade.

O ministério alega que a "temperatura de recebimento não é problema a ser resolvido pelos produtores, mas pela indústria, ajustando o tempo de duração e distância das rotas" e que "a normativa prevê que o leite pode excepcionalmente ser recebido a 9°C, no caso de haver contratempos no transporte".

Representante da indústria, Alexandre Guerra, presidente do Sindicato da Indústria de Laticínios e Produtos derivados (Sindilat-RS), confirma que são as empresas responsáveis por buscar o leite nas cooperativas. Porém, a nova norma impacta o produtor. "Para o leite entrar na indústria a 7°C, temos que pegar o produto com 4°C", explica.

"Nós temos caminhões resfriados, mas, dependendo da região, produtores enfrentam dificuldades com a energia elétrica. Não basta ter energia, ela tem que ter qualidade. Há ainda problemas com estradas. A preocupação é quando chegar o verão", diz Guerra.

As mudanças têm gerado protestos. Em Porto Alegre, duas vacas caminharam pelas ruas do centro no último dia 15, levadas por agricultores, remetendo ao problema. Parlamentares ligados ao setor, Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) e a Fetraf pedem que o Ministério da Agricultura suspenda temporariamente as normativas.

A alteração pode levar mais produtores a deixarem a atividade leiteira. Segundo o engenheiro agrônomo Lorildo Aldo Stock, da Embrapa Gado e Leite, os três estados do Sul perderam 55 mil produtores em cinco anos, entre 2013 e 2018. O número caiu de 315 mil para 260 mil, 55 mil a menos em cinco anos, com média de 11 mil por ano. O número equivale a 1,2 produtor que desistiu da função por hora no período, ou seja, 30 por dia.

"Não é trabalho fácil. Não tem folga de Natal, Ano Novo, não tem pausa", diz Stock. Ele aponta outros fatores que levam à desistência. "Muitos produtores começam a ficar velhos e, às vezes, não têm sucessão, porque os filhos saem para estudar na cidade".

Mesmo que não desista, o pequeno produtor pode ficar sem clientes. Isso porque as indústrias de laticínios têm aproveitado a rigidez nas regras para optar só pelos maiores fornecedores, explica Krajczyk, da Fetraf do Paraná.

Essa exclusão direciona a produção leiteira brasileira para a exportação, segundo Bergamin, da Fetraf Sul, o que deve comprometer o mercado interno. "Vão colocar os robôs para tirar leite. Não conseguimos entender como uma política de governo exclui gente".

"Se pararmos com o leite, o que vamos fazer? Vamos ver de novo o êxodo rural. Isso só vai ampliar as favelas com fome e miséria", diz Rosi.

Veículo: GaúchaZH

Data: 30/10/2019

Página: Notícia

Link: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/economia/campo-e-lavoura/noticia/2019/10/novas-regras-e-preco-do-leite-pressionam-pequenos-produtores-ck2dobq690b6x01n3wvvtjglo.html>

Novas regras e preço do leite pressionam pequenos produtores

Critérios de qualidade ficaram mais rígidos com instruções normativas 76 e 77

30/10/2019 - 17h26min
Atualizada em 31/10/2019 - 11h23min



Publicidade



MAIS LIDAS

Gre-Nais da minha vida: quantos clássicos o seu time ganhou desde que você nasceu?



Todos dias antes de o sol raiar, Rosi de Lima Costa, 53, acorda para ordenhar as vacas da pequena propriedade rural, em Santana do Livramento, na Fronteira Oeste. A atividade garante a renda mensal de R\$ 1 mil para a família de cinco pessoas.



O valor é a diferença entre o recebido da indústria e os gastos de produção. O litro de leite é vendido a R\$ 1, enquanto os custos somam R\$ 0,90, incluindo medicamentos para as vacas e despesas com energia elétrica. A família comercializa 5 mil litros por mês.

LEIA MAIS

Por que vacas foram parar no Piratini



Produtores rurais ocupam pátio do Inbra em Porto Alegre em protesto contra valor do leite



Em vigor há 4 meses, novas regras de inspeção aumentam qualidade do leite



— **A gente se sente muito prejudicado**, humilhado e desestimulado — diz a produtora sobre o preço recebido.

A situação é semelhante a de outros 400 leiteiros cooperados da região de Livramento e se repete em Santa Catarina e Paraná. Juntos, os três Estados são responsáveis pela maior parte do leite produzido no país.

Porém, o cenário tem se agravado para os pequenos, como a família Costa. As **instruções normativas 76 e 77** do Ministério da Agricultura alteraram exigências para a produção. As regras valem desde maio, mas penas só serão aplicadas a partir de novembro.

Os produtores se sentem prejudicados pela mudança da temperatura limite do leite ao chegar à indústria. Antes, podia chegar a 10°C. Agora, a 7°C. Outras alterações, que envolvem assistência técnica veterinária e contagem bacteriana, já são cumpridas.

— O leite vai até um laticínio de Boa Vista do Sul, são 500 km de distância. Mandamos para Pelotas, outros 350 km. Estamos entregando na temperatura certa, mas não começou o verão — diz Rosi.

Na temperatura até então aceita, o leite permanecia próprio para consumo, diz o Ministério. Para a pasta, “não se trata só de leite próprio ou impróprio ao consumo, mas da qualidade da matéria-prima que refletirá no produto que chega ao consumidor”.

O coordenador da Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar (Fetraf-Sul), que abrange os três Estados sulistas, Alexandre Bergamin, diz que a maior parte dos produtores está distante dos centros urbanos, onde estão os **laticínios**. Para ele, o governo não se preocupou em adotar política de fomento e organização da atividade.

— Criou a lei e disse aos agricultores: se virem — opina.

Com propriedade em Chapecó (SC), a família de Bergamin produz queijos como alternativa.

— Concordamos com as melhorias de índices de qualidade, mas **as normativas** devem gerar o menor impacto possível — diz Elizandro Krajczyk, coordenador da Fetraf no Paraná, onde 110 mil famílias dependem da atividade.

Cuidado no recebimento

O ministério alega que a “temperatura de recebimento não é problema a ser resolvido pelos produtores, mas pela indústria” e que “a normativa prevê que o leite pode excepcionalmente ser recebido a 9°C, no caso de haver contratempos no transporte”.

Representante da indústria, Alexandre Guerra, presidente do Sindicato da Indústria de Laticínios e Produtos Derivados no RS (Sindilat-RS), confirma que são as empresas responsáveis por buscar o leite nas cooperativas. Porém, a norma impacta o produtor:

— Para o leite entrar na indústria a 7°C, temos de pegar o produto com 4°C. Temos caminhões resfriados, mas, dependendo da região, produtores enfrentam dificuldades com energia elétrica, que precisa ter qualidade. Há ainda problemas com estradas.

As mudanças geraram protestos. Em Porto Alegre, **duas vacas caminharam pelas ruas** do centro no último dia 15, para chamar atenção ao problema. Parlamentares ligados ao setor, Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) e Fetraf pedem que o Ministério da Agricultura suspenda temporariamente as normas.

“Para o leite entrar na indústria a 7°C, temos de pegar o produto com 4°C. Temos caminhões resfriados, mas, dependendo da região, produtores enfrentam dificuldades com energia elétrica, que precisa ter qualidade. Há ainda problemas com estradas.

ALEXANDRE GUERRA
Presidente do Sindilat-RS

A alteração pode levar mais produtores a deixarem o leite. Segundo o engenheiro agrônomo Lorildo Aldo Stock, da Embrapa Gado de Leite, os Estados do Sul perderam 55 mil produtores entre 2013 e 2018. O número caiu de 315 mil para 260 mil, redução média de 11 mil ao ano.

— Não é trabalho fácil. Não tem folga de Natal, Ano Novo, não tem pausa. Muitos produtores começam a ficar velhos e às vezes não têm sucessão porque os filhos saem para estudar na cidade — diz Stock.

Outros estão ficando sem clientes. Isso porque os laticínios têm aproveitado a rigidez nas regras para optar por fornecedores maiores, explica Krajczyk, da Fetraf do Paraná.

Essa exclusão direciona a produção brasileira para a exportação, segundo Bergamin, da Fetraf Sul, o que deve comprometer o mercado interno: “vão colocar os robôs para tirar leite. Não conseguimos entender como uma política de governo exclui gente”.

— Se pararmos com o leite, o que vamos fazer? Vamos ver de novo o êxodo rural. Isso só vai ampliar as favelas com fome e miséria — lamenta Rosi.

Veículo: Millknet

Data: 31/10/2019

Página: Notícia

Link: <https://www.milknet.com.br/nova-norma-e-preco-do-leite-pressionam-pequeno-produtor/>

Nova norma e preço do leite pressionam pequeno produtor

31 de outubro de 2019



Assine Nossa Newsletter

Email

Assinar



Últimas Notícias

Todos dias antes de o sol raiar, Rosi de Lima Costa, 53, acorda para ordenhar as vacas da pequena propriedade rural, em Santana do Livramento, a 423 km de Porto Alegre, na fronteira com o Uruguai. A atividade leiteira garante a renda mensal de R\$ 1.000 para a família gaúcha de cinco pessoas.

O valor é a diferença entre o pagamento recebido da indústria e os gastos de produção. Cada litro de leite é vendido por R\$ 1, enquanto os gastos somam R\$ 0,90 por litro, incluindo medicamentos para as vacas e despesas com energia elétrica. A família comercializa 5.000 litros por mês.

“A gente se sente muito prejudicado, humilhado e desestimulado”, diz a produtora sobre o preço baixo. A situação é semelhante a de outros 400 leiteiros cooperados da região de Livramento (RS) e se repete Santa Catarina e Paraná. Juntos, os três estados são responsáveis pela maior parte do leite produzido no país.

Porém o cenário tem se agravado para pequenos produtores, como a família Costa. As instruções normativas 76 e 77 do Ministério da Agricultura (Mapa) alteraram critérios de qualidade do leite e exigências para a produção.

As mudanças valem desde maio, mas penas só serão aplicadas a partir de novembro.

Os pequenos produtores se sentem prejudicados pela mudança da temperatura limite do leite ao chegar à indústria. Antes, podia estar a 10°C. Agora, no máximo, a 7°C. Outras alterações, que envolvem assistência técnica veterinária e contagem bacteriana, já são cumpridas pelos produtores.

“Nosso leite vai até um laticínio de Boa Vista do Sul, são 500 km de distância. Mandamos para Pelotas, são 350 km até lá. Estamos entregando na temperatura certa, mas ainda não começou o verão, estamos preocupados”, diz Rosi.

Na temperatura até então aceita, o leite permanecia próprio para consumo, diz o Mapa. Para a pasta, "não se trata só de leite próprio ou impróprio ao consumo mas da qualidade da matéria-prima que refletirá diretamente no produto que chega ao consumidor".

O coordenador da Fetraf Sul (Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar), que abrange os três estados sulistas, Alexandre Bergamin, diz que a maior parte dos pequenos produtores está distante dos centros urbanos, onde estão os laticínios. As distâncias dificultam cumprir condições de resfriamento e transporte impostos e encarecem o frete. Para Bergamin, o governo não se preocupou em criar política de fomento e organização da atividade. "Criou a lei e disse aos agricultores: 'se virem'", opina. Com propriedade em Chapecó (SC), a família de Bergamin aposta na produção de queijos como saída. Outros produtores têm migrado para a fabricação de queijos como alternativa.

"Todos concordamos serem extremamente necessárias as melhorias de índices de qualidade, mas as normativas devem gerar o menor impacto negativo possível", diz Elizandro Krajczyk, coordenador da Fetraf no Paraná, onde 110 mil famílias dependem da cadeia leiteira, segundo a entidade.

O ministério alega que a "temperatura de recebimento não é problema a ser resolvido pelos produtores, mas pela indústria, ajustando o tempo de duração e distância das rotas" e que "a normativa prevê que o leite pode excepcionalmente ser recebido a 9°C, no caso de haver contratemplos no transporte".

Representante da indústria, Alexandre Guerra, presidente do Sindilat RS (Sindicato da Indústria de Laticínios e Produtos derivados), confirma que são as empresas responsáveis por buscar o leite nas cooperativas. Porém a nova norma impacta o produtor. "Para o leite entrar na indústria a 7°C, temos que pegar o produto com 4°C", explica.

"Nós temos caminhões resfriados, mas, dependendo da região, produtores enfrentam dificuldades com a energia elétrica. Não basta ter energia, ela tem que ter qualidade. Há ainda problemas com estradas. A preocupação é quando chegar o verão", diz Guerra. As mudanças têm gerado protestos. Em Porto Alegre, duas vacas caminharam pelas ruas do centro no último dia 15, levadas por agricultores, remetendo ao problema. Parlamentares ligados ao setor, MST (Movimento dos Trabalhadores Sem Terra) e a Fetraf pedem que o Ministério da Agricultura suspenda temporariamente as normativas.

A alteração pode levar mais produtores a deixarem a atividade leiteira. Segundo o engenheiro agrônomo Lorildo Aldo Stock, da Embrapa Gado e Leite, os três estados do Sul perderam 55 mil produtores em cinco anos, entre 2013 e 2018. O número caiu de 315 mil para 260 mil, 55 mil a menos em cinco anos, com média de 11 mil por ano. O número equivale a 1,2 produtor que desistiu da função por hora no período, ou seja, 30 por dia. "Não é trabalho fácil. Não tem folga de Natal, Ano Novo, não tem pausa", diz Stock. Ele aponta outros fatores que levam à desistência. "Muitos produtores começam a ficar velhos e às vezes não têm sucessão porque os filhos saem para estudar na cidade." Mesmo que não desista, o pequeno produtor pode ficar sem clientes. Isso porque as indústrias de laticínios têm aproveitado a rigidez nas regras para optar só pelos maiores fornecedores, explica Krajczyk, da Fetraf do Paraná.

Essa exclusão direciona a produção leiteira brasileira para a exportação, segundo Bergamin, da Fetraf Sul. o que deve comprometer o mercado interno. "Vão colocar os robôs para tirar leite. Não conseguimos entender como uma política de governo exclui gente."

"Se pararmos com o leite, o que vamos fazer? Vamos ver de novo o êxodo rural. Isso só vai ampliar as favelas com fome e miséria", diz Rosi.



SINDILAT/RS

Sindicato da Indústria de Laticínios
do Rio Grande do Sul

CLIPPING ELETRÔNICO

Outubro de 2019

Veículo: TV AL
Data: 04/10/2019
Entrevistado: Darlan Palharini
Minutagem: 50'

